

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE JORNALISMO**

**Brener Pompêo
Emily França Fernandes
Maria Clara Prado**

PROJETO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Quando o Haiti chegou aqui

CAMPINAS 2023

**Brener Pompêo
Emily França Fernandes
Maria Clara Prado**

PROJETO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Quando o Haiti chegou aqui

Projeto de Produção Jornalística apresentado à disciplina ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE PROJETO EXPERIMENTAL da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Artur Vasconcellos Araujo.

PUC-CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Mirian Teixeira CRB 8/6546
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

972.94
P882q

Prado, Maria Clara Perone de Almeida

Quando o Haiti chegou aqui / Maria Clara Perone de Almeida Prado, Emily França Fernandes, Brener Pompêo. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

113 f.: il.

Orientador: Artur Vasconcellos Araújo.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Haiti. 2. Haitianos. 3. Racismo. I. Fernandes, Emily França. II. Pompêo, Brener. III. Araújo, Artur Vasconcellos. IV. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. V. Título

23. ed. CDD 972.94

SUMÁRIO

Introdução	5
CAPÍTULO 1	7
1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico	7
1.2 Modalidade	9
1.3 Justificativa	11
1.4 Processo de apuração	12
1.5 Seleção das fontes	21
CAPÍTULO 2	27
2.1 Desenvolvimento da produção	27
2.2 Processo de edição	32
2.3 Projeto/Proposta de divulgação	38
2.4 Custo e gastos	40
Referências bibliográficos	41
Anexos	43

INTRODUÇÃO

Entre Porto Príncipe, capital do Haiti, e Campinas há uma distância de mais de 5,3 mil quilômetros. Para chegar até aqui com poucos recursos, imigrantes percorreram muito mais chão, realizando um périplo extenuante, passando por pequenas cidades e enfrentando um clima quente e hostil, a floresta amazônica e estradas precárias por boa parte do trajeto, mas chegaram. Essa saga teve início no dia 12 de janeiro de 2010, quando um terremoto de magnitude 7.3 na escala Richter atingiu a capital haitiana e deixou mais de 200 mil mortos e mais de 300 mil feridos, além de ter destruído a maior parte da cidade e do país, incluindo o Palácio Presidencial e a catedral de Notre-Dame, o principal templo religioso da capital haitiana.

O abalo sísmico em Porto Príncipe teve consequências para além das fronteiras do país caribenho. À trágica situação somaram-se fatores políticos e econômicos que culminaram no agravamento das condições de vida daquela população. Tudo isso proporcionou uma grande diáspora de refugiados da situação de vulnerabilidade que o desastre geológico agravou.

Nesse contexto, milhares de haitianos migraram em busca de uma vida melhor para inúmeros países. Alguns desses milhares chegaram ao Brasil à procura de novas oportunidades. Essa história de lutas é o tema da websérie **Quando o Haiti chegou aqui**: uma reportagem sobre a vida desses imigrantes, que precisaram atravessar uma longa distância para chegar até Campinas e reconstruir suas vidas nesta cidade.

Quando o Haiti chegou aqui mergulhou nas experiências dos haitianos, explorando as interações culturais e sociais que estão moldando a vida dessa comunidade imigrante e as marcas que ela está deixando na cidade. Ouvimos haitianos radicados na cidade, especialistas e a Prefeitura de Campinas para traçar um amplo cenário da situação. Quisemos humanizar essa presença, expondo desafios, estigmas e preconceitos associados à migração de populações negras.

Esta websérie documental é composta por três episódios. No primeiro capítulo, destacamos o impacto do terremoto no Haiti e as características da imigração para o Sul Global¹, a chamada imigração Sul-Sul. No segundo,

¹ Mesmo situado no paralelo 20 do Hemisfério Norte, o Haiti é definido como parte do chamado "Sul Global" porque o conceito não se baseia apenas na posição geográfica, mas também na situação histórica, social e econômica dos países. Habitualmente refere-se a todos aqueles países que têm

destacamos os obstáculos enfrentados pelos imigrantes para se adaptarem ao Brasil e em particular a Campinas. No terceiro, apresentamos propostas de superação de situações adversas vivenciadas por esses imigrantes, de modo a promover um diálogo sobre as complexidades da imigração e sobre a construção de uma sociedade genuinamente acolhedora.

A websérie oferece uma visão abrangente e humanizada da imigração haitiana, fomentando o diálogo e a compreensão entre a cultura local e a cultura do povo haitiano que aqui se estabeleceu. A intenção vai além do propósito de meramente informar. Visa promover uma melhor compreensão das dinâmicas migratórias em geral e, em especial, dos imigrantes do país caribenho.

Quando o Haiti chegou aqui almeja atingir um público amplo. Essa produção, que já está disponível no YouTube e no Instagram, será também colocada em mais plataformas online gratuitas. Queremos, com essa websérie, envolver também os haitianos aqui radicados, oferecendo uma narrativa que expõe as vozes, as esperanças e os desafios deles, apresentando uma abordagem elucidadora da realidade contemporânea de Campinas e dos imigrantes haitianos.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E RECORTE JORNALÍSTICO

O dia 12 de janeiro de 2010 marcou profundamente a história do Haiti. Naquela data, um forte terremoto de magnitude 7 na escala Richter atingiu a região central do país caribenho às 16h53, no horário local². O epicentro foi localizado a cerca de 15 quilômetros da capital, Porto Príncipe, e a uma profundidade de 8 quilômetros. O terremoto causou devastação generalizada, com danos significativos a edifícios, infraestrutura e serviços públicos.

O ano de 2010, em função da catástrofe natural haitiana, deu início a uma diáspora no país caribenho e um dos destinos desse fluxo de imigrantes foi o Brasil, segundo Silva e Lima (2016), Portes Virginio, Stewart, e Garvey, (2023), Silva (2017) e Magalhães, Bógus e Baeninger (2018). O primeiro registro desse fenômeno foi observado no Estado do Amazonas.

A chegada de um grupo de haitianos na tríplice fronteira norte do Brasil (Tabatinga-AM), no início de 2010, causou surpresa a todos, pois, se a emigração não é uma novidade na história migratória do Haiti, em território brasileiro sua presença constituía um fato novo, que foi assumindo diferentes significados, à medida que tal fluxo foi aumentando nas fronteiras brasileiras. Num curto espaço de tempo, esses imigrantes se encontravam em todos os estados do Norte e Centro-Sul do Brasil, ou pelo menos por ali passaram, inserindo-se em diferentes atividades do mercado de trabalho (Silva, 2017, p. 100).

Segundo Demétrio, Baeninger, e Domeniconi, (2023, p. 190), a demanda migratória foi além de uma situação episódica e conjuntural do terremoto de 2010.

Passada quase uma década desde o início da migração haitiana para o Brasil, esse fluxo continua a desafiar as estratégias de gestão da migração empreendidas pelo governo brasileiro. Até 2022 foram 77 amparos legais diferentes utilizados na regularização desses imigrantes, afastando as pressuposições iniciais que associavam o fluxo a um fenômeno “episódico e de curto prazo” decorrente do terremoto de 2010.

A situação, de acordo com Magalhães, Bógus e Baeninger (2018, p. 82), está relacionada a uma crise social, que impacta o fenômeno da migração Sul-Sul.

A crise econômica que acometeu os países centrais do capitalismo global pós 2007/2008 promoveu uma deterioração das relações de trabalho que se abateu principalmente sobre a parcela do mundo do trabalho formada por trabalhadores imigrantes. Consequentemente, agrava-se a discriminação a estes imigrantes, diminuindo o volume

² Por que ocorrem tantos terremotos no Haiti? Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58223572>; acesso em 14.out.2023.

de remessas de migrantes para os países de origem e fazendo emergir novas mobilidades da migração internacional, com novas fases e faces da migração internacional, tais como a migração de retorno e a reemigração. Essas novas faces da migração reforçaram, como dito, a mobilidade Sul-Sul.

A intensificação de instabilidades sociais e políticas, a emergência de conflitos armados e a perseguição a grupos étnicos, políticos, religiosos e culturais seguem produzindo movimentos de refugiados, aos quais também se impõem, como dito, as restrições crescentes à entrada na União Europeia e nos Estados Unidos. Nesse cenário, o Brasil tem se inserido também na dinâmica da mobilidade internacional de refúgio.

De acordo com a plataforma DataMigra³ do governo federal, o Brasil recebeu, de 2010 a 2022⁴, 172.859 imigrantes haitianos. Trata-se, de acordo com a base de dados oficial, do segundo maior fluxo migratório para o País, precedido apenas pelos venezuelanos, com 348.438 imigrantes. No Estado de São Paulo, os haitianos representam o segundo maior fluxo migratório, com 48.146 pessoas, só superado pelos imigrantes bolivianos, que são 66.283. Em Campinas, os haitianos chegam a 1.561 imigrantes, só superados pelos colombianos, com 1.757 pessoas estabelecidas na cidade. Campinas, por sinal, tem a terceira maior comunidade de haitianos no Estado, precedida por São Paulo, com 24.672 e por Sorocaba, com 2.425. Segundo Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), fornecidos por meio da Lei de Acesso à Informação, Campinas registrava, em julho de 2023, 409 trabalhadores haitianos com carteira assinada, o maior contingente estrangeiro com emprego formal.

A situação de vulnerabilidade social dos haitianos em Campinas pode ser inferida pelos dados da Secretaria Municipal de Assistência Social, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos. Os registros apontam que os haitianos representam o maior contingente estrangeiro no município em situação de vulnerabilidade social, com 2.391 atendimentos entre os anos de 2019 e junho de 2023, o que representa 45,91% do total de imigrantes atendidos pela Prefeitura, enquanto os colombianos, maior comunidade em Campinas, representa 2,17% dos atendimentos.

A websérie **Quando o Haiti chegou aqui** tem como recorte jornalístico abordar o fenômeno dessa imigração. O objetivo é evidenciar esse fato em Campinas. O trabalho aborda jornalisticamente a realidade dessa população por

³ Disponível em <https://datamigra.mj.gov.br/>; acesso em 14.out.2023.

⁴ Os dados disponíveis terminam em 2022.

meio de dados e entrevistas com imigrantes, especialistas e a Prefeitura de Campinas, como fonte oficial.

MODALIDADE

O jornalismo pode ser definido pela busca de informações verdadeiras e pela necessidade de compreender criticamente o mundo em sua amplitude. A atividade vem ao encontro de um público amplo, muitas vezes leigo, em busca de informação. Segundo Traquina (2004, p. 20-21):

O jornalismo pode ser explicado pela frase de que é a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias - o que é que aconteceu/ está acontecendo no mundo?, no Timor? no meu país?, na minha "terra"? - o que aconteceu no julgamento de um ex-presidente de um clube desportivo desde ontem - quem ganhou o jogo? [...] Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de 'estórias', 'estórias' da vida, 'estórias' das estrelas, 'estórias' de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como 'estórias'? Os jornalistas veem os acontecimentos como 'estórias' e as notícias são construídas como 'estórias', como narrativas, que não estão isoladas de 'estórias' e narrativas passadas.

Nesse contexto, a websérie jornalística **Quando o Haiti chegou aqui** busca evidenciar uma situação social a partir da realidade observada em Campinas. Para abordar o fenômeno, o grupo optou pela reportagem investigativa interpretativa, nos termos que a definiu Kovach e Rosenstiel (2003, p. 178):

A reportagem investigativa interpretativa surge como resultado de cuidadosa reflexão e análise de uma ideia, bem como uma busca obstinada dos fatos para reunir informação num novo e mais completo contexto, o qual fornece ao público um melhor entendimento do que acontece. Normalmente envolve assuntos mais complexos ou um conjunto de fatos, mais do que numa denúncia clássica. Revela uma nova forma de olhar alguma coisa, bem como novas informações sobre o assunto.

O fenômeno da imigração haitiana e da situação de vulnerabilidade social desse público exigiu uma coleta de dados, vivências e análises para tornar-se nítido em uma produção jornalística. Segundo o filósofo Edmund Husserl, pai da fenomenologia, (1980, p. 19): “mesmo que o perceber jamais constitua a significação plena de um enunciado fundado numa percepção, ele contribui, assim mesmo, com algo para a significação”. É preciso, para evidenciar o impacto da imigração haitiana em Campinas, uma abordagem fenomenológica. De acordo com Gil (1999, p. 30):

Do ponto de vista fenomenológico, a realidade não é tida como algo objetivo e passível de ser explicado como um conhecimento que

privilegia explicações em termos de causa e efeito. A realidade é entendida como o que emerge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno. A realidade é o compreendido, o interpretado, o comunicado.

Para abordar o fenômeno, o grupo optou pelo meio audiovisual. A escolha ocorreu pelas afinidades dos integrantes, mas também pelo potencial que essa modalidade tem de enriquecer a abordagem pretendida, tornando-a mais atrativa, por meio de conteúdo de qualidade e mediante os aspectos plásticos da composição audiovisual, que trazem em sua intrínseca oralidade e iconicidade um impacto cognitivo relevante para as audiências.

A construção jornalística audiovisual de **Quando o Haiti chegou aqui** explora, na montagem das entrevistas e apresentação de dados, um discurso consistente e comprovador do fenômeno cultural e social desse contingente de imigrantes. Parafraseando Eisenstein⁵ (1990, p. 35), o audiovisual “é, em primeiro lugar e antes de tudo, montagem”. A construção rítmica da produção jornalística, por meio da contraposição de depoimentos e informações, cria uma construção de sentido enriquecedora do discurso jornalístico.

Dentro da modalidade do audiovisual, trabalhamos com o gênero da websérie. A websérie jornalística utiliza plataformas baseadas na web para entregar notícias e informações ao público. Envolve a produção e distribuição de conteúdo jornalístico na forma audiovisual. São formatos multimídia projetados especificamente para consumo online. Segundo Hergesel (2015, p. 73):

A websérie é uma narrativa midiática produzida em linguagem audiovisual, de maneira serializada, cujos episódios ficam disponíveis para acesso nos espaços on-line passíveis de circulação, especialmente os sites de armazenamento de vídeos.

O grupo escolheu a websérie jornalística para desenvolver o projeto experimental **Quando o Haiti chegou aqui** por seu potencial de atingir um público amplo e pela sua propriedade interativa, permitindo o envolvimento e a participação do público, pois os internautas podem deixar comentários e compartilhar o conteúdo nas redes sociais.

Buscamos retratar em **Quando o Haiti chegou aqui** as dificuldades sofridas pelos imigrantes haitianos que moram em Campinas. O grupo entende que o formato de websérie, por sua contemporaneidade e atratividade para o público

⁵ O autor refere-se ao cinema em sua obra.

jovem, é a melhor maneira de transmitir a realidade desse grupo de pessoas, que muitas vezes estão em situação de vulnerabilidade social no Brasil.

Conforme Comparato (2018, np), há três tipos de público em webséries:

O primeiro demonstra engajamento ativo em tempo real, que procura suspense e satisfação em cada episódio. O segundo representa uma audiência mais reflexiva e de longo termo, que procura um padrão de coerência na história como um todo. E uma terceira categoria de telespectador retira prazer da navegação entre as conexões de diferentes partes da história e do processo de descoberta de arranjos diversos do mesmo material disponível.

Nesse sentido, produzimos a websérie **Quando o Haiti chegou aqui** como um produto coerente em si. Capaz de prender a atenção dos três tipos de público potencial desse produto jornalístico.

JUSTIFICATIVA

A comunidade haitiana em Campinas tem pouca visibilidade jornalística. Evidenciar as demandas e expectativas desse público é importante para compreender a realidade atual dos imigrantes e refugiados na cidade, como também expõe o desafio de atender os preceitos fixados no artigo 5º da Constituição (Brasil, 1988, np), que estipula que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Imigrantes, refugiados e apátridas têm assegurados no Brasil o exercício de direitos sociais, assim como o respeito às especificidades culturais, sem discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória. O projeto experimental **Quando o Haiti chegou aqui** realizou uma pesquisa bibliográfica sobre a questão da imigração haitiana no Brasil e em Campinas, levantou dados federais e municipais entre 2010 e 2023 sobre a imigração de haitianos e ouviu imigrantes, fontes especialistas e uma fonte oficial para chegar aos achados apresentados em nosso produto audiovisual.

A comunidade haitiana é estigmatizada, conforme mostramos na websérie **Quando o Haiti chegou aqui**, pelo fato de sua situação de vulnerabilidade social, seu expressivo contingente e por ser imigrante e negra em Campinas. Retratar essa condição e os problemas vividos por esse coletivo está na própria essência do jornalismo.

Para Portes Virginio, Stewart e Garvey, (2023, p. 902), a condição dos imigrantes haitianos, no Brasil e no mundo, configura-se em uma situação de superexploração.

A emigração haitiana para o Brasil ilustra a intersecção contemporânea entre migração e superexploração na América Latina. A emigração tem sido uma tentativa de fuga (tanto por parte dos governantes como dos cidadãos) das crises políticas, ambientais e económicas nativas, engendradas pelas elites locais e pelos países desenvolvidos (Dupuy, 2014). Os salários no Haiti são os mais baixos da América Latina e um dos mais baixos do mundo, com os trabalhadores ganhando menos de quatro dólares e meio por um turno de oito horas [...] Esta situação agravou-se após o terremoto de 2010, com a destruição do país e a missão humanitária da ONU de orientação neoliberal (MINUSTAH) supervisionando um êxodo em massa (Seguy, 2014). [...] Quando o Brasil criou um visto humanitário de cinco anos para haitianos em 2011, ostentava a menor taxa de desemprego de sua história, acompanhada de aumento salarial de aproximadamente 80% durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) (DIEESE, 2018).⁶

Conforme Traquina (2004, p. 129), a teoria democrática do jornalismo prescreve que este “deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações”. A websérie **Quando o Haiti chegou aqui** tem como propósito expor as demandas e expectativas dessa comunidade em Campinas, de modo a contribuir no debate de políticas públicas para imigrantes, refugiados e apátridas.

PROCESSO DE APURAÇÃO

Na disciplina "Educação em Direitos Humanos e Identidade Cultural", ministrada pela professora Juliana Giosuelli em 2022, os estudantes foram desafiados a desenvolver seminários relacionados à temática dos direitos humanos. Brener Pompêo, um dos membros do grupo envolvido na pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), escolheu explorar o conceito de "xeno-racismo" ou "xenofobia racializada" como parte dessa atividade.

⁶ No original: “Haitian emigration to Brazil illustrates the contemporary intersection between migration and overexploitation in Latin America. Emigration has been an attempt to escape (both by governments and citizens) from local political, environmental and economic crises engendered by local elites and developed countries (Dupuy, 2014). Wages in Haiti are the lowest in Latin America and one of the lowest in the world, with workers earning less than four and a half dollars for an eight-hour shift [...] This situation worsened after the 2010 earthquake, with the destruction of the country and the neoliberal-oriented UN humanitarian mission (MINUSTAH) overseeing a mass exodus (Seguy, 2014). [...] When Brazil created a five-year humanitarian visa for Haitians in 2011, it boasted the lowest unemployment rate in its history, accompanied by a salary increase of approximately 80% during the Workers' Party (PT) government (DIEESE, 2018).” Tradução dos autores.

A escolha de Brener buscou fugir das abordagens convencionais das discussões sobre xenofobia e racismo, trazendo à tona uma perspectiva ainda não explorada na disciplina. De acordo com a docente, o seminário trouxe um conceito desconhecido por ela até então, o que levou a professora Juliana Giosuelli a sugerir que essa temática poderia se tornar um tema de TCC interessante, dada a originalidade e relevância do fenômeno abordado, trazendo olhares decoloniais à sociedade.

Neste ano de 2023, quando o projeto de TCC foi iniciado, Brener discutiu a sugestão com Emily França e Maria Clara Prado, colegas de pesquisa. Após uma análise cuidadosa, o grupo optou por prosseguir com a pesquisa sobre o xeno-racismo como objeto do TCC.

No início do semestre letivo, assim que o grupo definiu o tema de seu projeto experimental, realizou-se uma reunião com o professor Carlos Gilberto Roldão para esclarecer os próximos passos. O objetivo era definir o foco do trabalho, a seleção de fontes, a modalidade do TCC e o gênero a ser adotado.

Após discussões e análises, o grupo optou pela modalidade audiovisual, uma escolha motivada pela experiência e pelo desejo de desenvolvimento profissional dos três membros na área. Além disso, decidiram que o gênero apropriado para abordar o tema escolhido seria o de uma websérie. Essa decisão refletiu a intenção do grupo de explorar essa mídia como uma forma eficaz de transmitir as informações e perspectivas relacionadas ao xeno-racismo por meio do desenvolvimento de uma narrativa que contemplasse as nuances presentes nessa temática. Duas nacionalidades foram escolhidas inicialmente para a investigação jornalística: venezuelanos e haitianos.

Na banca de qualificação, o grupo enfrentou desafios e críticas em relação à modalidade e ao formato escolhidos para o TCC. Essas críticas vieram tanto dos professores avaliadores quanto dos próprios membros do grupo, ao se depararem com as fragilidades apontadas durante a banca, levando o trio a refletir sobre a direção que o projeto estava tomando. Consideraram a possibilidade de mudar para o gênero de podcast ou adotar a reportagem multimídia como alternativa.

No entanto, após uma discussão aberta e detalhada desses questionamentos com o orientador Artur Vasconcellos Araujo, o grupo obteve clareza e confiança para manter a modalidade e o gênero inicialmente escolhidos. Essa decisão foi tomada

com base na orientação do professor, que ajudou a esclarecer as dúvidas e a reforçar a importância da abordagem audiovisual em formato de websérie para o projeto. O nome escolhido para o projeto experimental foi **Quando o Haiti chegou aqui**.

Em seguida, iniciou-se a segunda fase do projeto: a procura por fontes e a pesquisa documental e bibliográfica. A busca iniciou-se durante um encontro, ocorrido em março de 2023, no Serviço de Referência ao Imigrante, Refugiado e Apátrida da Prefeitura de Campinas, órgão vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos. Na ocasião, foi possível conversar com Sérgio Max, coordenador do órgão, que concordou em participar da websérie **Quando o Haiti chegou aqui** como uma das fontes oficiais que falaria sobre a chegada dos imigrantes e refugiados em Campinas, também abordando as dificuldades que eles enfrentam.

Além de Sérgio Max, conversamos com Leila Romanini, uma das representantes do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), órgão vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública. No encontro com Romanini, conseguimos o contato de um casal de haitianos que aceitou participar da websérie. Também tivemos a oportunidade de conversar com uma mulher venezuelana, Maritza, que contou que recentemente havia sofrido ataques xenofóbicos contra ela e seus três filhos. Porém, mesmo sendo uma fonte perfeita para nosso projeto, ela não quis se expor sem ser remunerada, o que consideramos antiético.

Nossa primeira experiência na busca por fontes foi positiva. Conseguimos os haitianos, o coordenador Sérgio Max e Leila Romanini. Já em nossa segunda tentativa de buscar fontes, não obtivemos êxito. O grupo foi até o centro da cidade procurar imigrantes entre os camelôs da região, porém não tivemos êxito na busca.

Após essa tentativa, o grupo decidiu que era necessário estabelecer uma direção antes de irmos em busca de mais fontes. Com isso em mente, entramos em contato com o casal haitiano Herlie Fleurian e Rousseau Tunes, que disseram poder ajudar. Então fomos até a casa deles, no dia 28 de maio. Ao chegar lá, levamos Rousseau de carro e fomos até onde ele tem alguns conhecidos haitianos. Quando chegamos, nos deparamos com uma estrutura precária, com ruas de terra batida, uma área com pequenos estabelecimentos comerciais e casas inacabadas na Vila Padre Manoel de Nóbrega, no Distrito do Campo Grande, região Noroeste de

Campinas. Naquele dia, só conseguimos falar com uma família de haitianos. O casal amigo de Rousseau compartilhou com o grupo suas experiências no Brasil e como era sua vida morando em Campinas.

Na mesma semana, no dia 29 de maio, entramos em contato por telefone com uma família de venezuelanos, que nos convidou para conhecer sua casa. Além disso, eles falaram que na mesma casa moravam mais famílias de venezuelanos. Chegando lá, o grupo se deparou com um imóvel pequeno, no qual a família de quatro venezuelanos, que havíamos entrado em contato por telefone, moravam em pequenos cômodos.

Tivemos uma experiência bastante desconfortável, pois as famílias venezuelanas se mostraram muito incomodadas e não demonstraram interesse em nos ajudar. Conversamos com o pai de uma das famílias que nos contou um pouco sobre as necessidades que eles passavam. Ele e a mulher chegaram a comentar que não receberam muita ajuda do governo, mas não quiseram entrar em detalhes conosco. Tentamos também falar com as outras famílias que moravam ali, mas eles não concordaram. Depois de insistir, uma mulher venezuelana na casa começou a gritar, pedindo para irmos embora.

Após essa experiência, passamos um período sem procurar por novas fontes. Nossa última tentativa ocorreu em 21 de agosto, quando colegas da faculdade nos informaram que duas venezuelanas trabalhavam na praça de alimentação do Shopping Iguatemi Campinas. O grupo decidiu encontrá-las lá, porém, ao chegar, uma delas se recusou a participar, alegando não ter celular e não poder falar sem a autorização do Shopping. Já a outra venezuelana não estava trabalhando naquele dia. Com tantas tentativas malsucedidas em achar fontes venezuelanas, decidimos que seria mais viável focar apenas nos haitianos para nossa websérie. Os dados obtidos na apuração revelaram que a comunidade é expressiva em Campinas em termos de vulnerabilidade social e também é a principal nacionalidade que busca apoio de serviços de assistência social na cidade, conotando uma situação mais intensa de vulnerabilidade social.

Por meio de consultas aos bancos de dados da Prefeitura de Campinas, descobrimos que de 2019 até julho de 2023, a comunidade haitiana foi o grupo estrangeiro que mais solicitou auxílio dos serviços municipais, conforme a base de dados fornecida pela Secretaria Municipal de Assistência Social, Pessoa com

Deficiência e Direitos Humanos de Campinas, com 45,91% do total de 5.208 atendimentos prestados pelo município a estrangeiros, conforme pode ser visto na tabela a seguir.

País de Nascimento	2019	2020	2021	2022	2023 (até julho)	Total	%
HAITI	13	1.338	285	641	114	2.391	45,91
VENEZUELA	1	296	188	991	149	1.625	31,20
CUBA	0	123	41	160	54	378	7,26
COLÔMBIA	0	13	8	75	17	113	2,17
ANGOLA	0	27	3	49	13	92	1,77

Conversamos também com algumas fontes envolvidas no processo de acolhimento e pesquisa das migrações na cidade de Campinas. Algumas das fontes entrevistadas continuaram conosco durante todo o processo de produção da websérie jornalística, mas outras não retornaram mais os contatos, ou não possuíam tempo ou disponibilidade de participar das gravações.

Sérgio Max nos forneceu as ideias iniciais sobre a situação dos imigrantes no município. Durante a primeira conversa, ele contou detalhes sobre seu dia a dia agitado, resolvendo questões sociais com imigrantes de diversas nacionalidades. Ele nos informou que estrangeiros chegam com muitas dúvidas sobre como conseguir acessar serviços públicos disponíveis para os imigrantes, como o acesso às escolas, auxílios do governo, questões burocráticas e sobre direitos em geral. Participamos de um encontro cuja pauta era sobre a educação das crianças imigrantes.

Após uma fase inicial, tivemos dificuldade de manter contato com Sérgio Max. Prosseguimos a apuração com a professora Jacqueline Damazio Armando, coordenadora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa, da mesma Secretaria de Assistência Social, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos. Ela nos forneceu dados e contexto para avançar na apuração e concedeu uma entrevista para a websérie.

Leila Romanini nos atendeu para uma entrevista no dia 21 de agosto no prédio do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) de Campinas. Naquela ocasião, ela nos explicou sobre a atuação do órgão se basear na avaliação de pedidos de refúgio no Brasil, além de encaminhar os imigrantes à proteção e

acolhimento de acordo com a legislação brasileira. Ela nos informou que o Conare não faz o trabalho de encaminhamento para os órgãos de assistência social, mas oferece informação para que eles tenham acesso a direitos legalmente previstos. Ela entretanto nos informou que não poderia falar em nome do Conare e por isso não foi incluída na websérie.

Romanini nos informou que atualmente os haitianos se qualificam na categoria de imigração humanitária, por participarem do grupo de imigrantes que saíram por razões de ordem ambientais ou econômicas. Dessa forma, eles se enquadram em ajuda humanitária. Já os venezuelanos, população que estava inicialmente incluída no projeto, são aceitos em *prima-facie*⁷ como refugiados, não necessitando de análise ou entrevistas, visto, segundo Romanini, que o país vizinho se encontra em uma situação política de instabilidade e o Estado venezuelano viola diversos direitos humanos.

O grupo solicitou dados federais sobre a imigração haitiana. Por meio da Lei de Acesso à Informação, recebemos do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) do Ministério do Trabalho e Emprego, que a nacionalidade haitiana era, em julho de 2023, o grupo estrangeiro com mais pessoas com registro formal na carteira de trabalho no município de Campinas, com 409 trabalhadores, como mostra a tabela a seguir. Havia na ocasião 408.269 pessoas registradas em empregos formais no município no referido mês.

Contratados por nacionalidade em Campinas em julho de 2023	Pessoas formalmente empregadas	%
Brasileira	406.140	99,5
Haitiana	409	0,1
Venezuelana	358	0,1
Argentina	123	0,0
Peruana	121	0,0
Colombiana	116	0,0
Japonesa	98	0,0
Chinesa	87	0,0
Chilena	73	0,0

⁷ Prima-facie significa situação que é suficiente para permitir a suposição ou consolidação de um fato.

Norte-Americana	61	0,0
-----------------	----	-----

Se considerarmos apenas os grupos estrangeiros com emprego formal em Campinas, a nacionalidade corresponde a 19,2% dos 2.129 contratados na cidade.

Contratados por nacionalidade em Campinas em julho de 2023	Pessoas formalmente empregadas	%
Haitiano	409	19,2
Venezuelano	358	16,8
Argentina	123	5,8
Peruano	121	5,7
Colombiano	116	5,4
Japonesa	98	4,6
Chinesa	87	4,1
Chilena	73	3,4
Norte-Americana	61	2,9

O grupo também pesquisou na plataforma Datamigra, do governo federal, o número de haitianos residentes no Brasil, no Estado de São Paulo e em Campinas. No Brasil, os haitianos representam o segundo maior contingente estrangeiro, com 172 mil pessoas, o que representa 12,54% do total.

Nacionalidades - imigração estrangeira no Brasil de 2010 a 2022	Número de imigrantes	%
VENEZUELA	348.438	25,28
HAITI	172.859	12,54
BOLÍVIA	79.883	5,80
COLÔMBIA	68.715	4,98
ARGENTINA	51.924	3,77
ESTADOS UNIDOS	48.159	3,49
CHINA	42.798	3,10
URUGUAI	35.455	2,57

PARAGUAI	34.658	2,51
----------	--------	------

No Estado de São Paulo, os haitianos são o segundo grupo mais expressivo de imigrantes, com praticamente 12% do total.

Países	Pessoas	%
BOLÍVIA	66.283	16,4
HAITI	48.146	11,9
CHINA	23.395	5,8
VENEZUELA	22.823	5,6
COLÔMBIA	21.802	5,4
ESTADOS UNIDOS	16.684	4,1
PERU	16.150	4,0
JAPÃO	11.064	2,7
ARGENTINA	11.011	2,7
FRANÇA	9.917	2,5

O grupo também apurou que a comunidade haitiana em Campinas é a terceira maior do Estado de São Paulo, com 1.561 pessoas das 47.421 registradas nesta unidade da federação.

Cidade	Haitianos	%
SÃO PAULO	24.672	52,0
SOROCABA	2.425	5,1
CAMPINAS	1.561	3,3
SANTO ANDRÉ	1.487	3,1

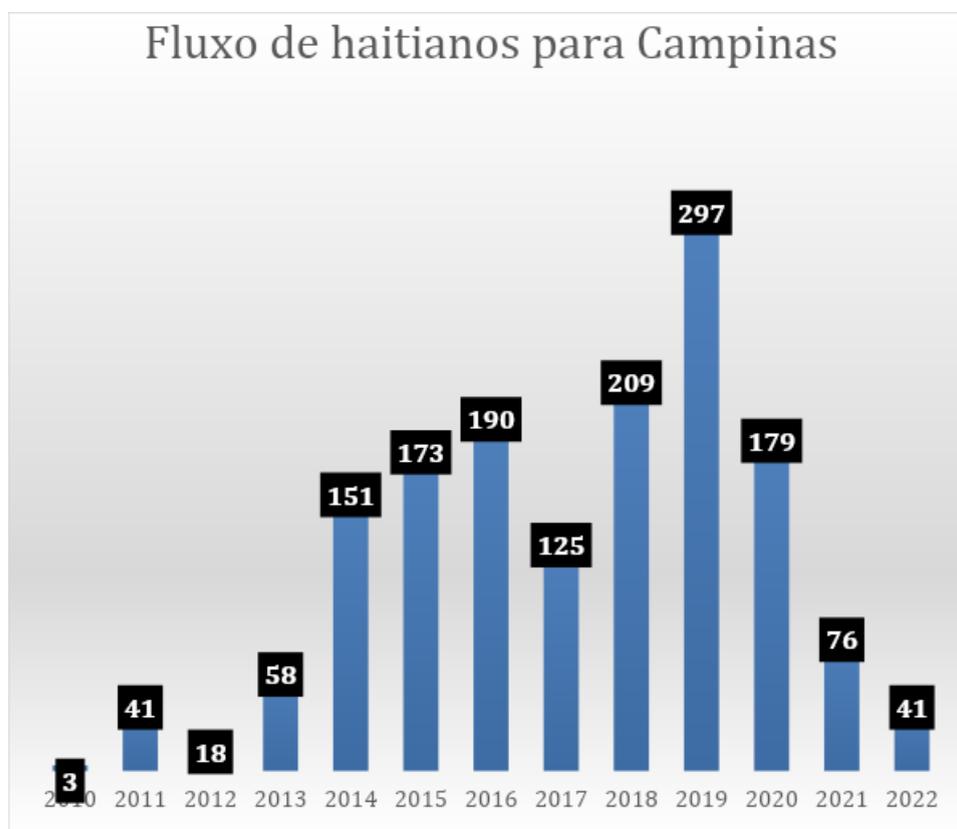
BARUERI	1.441	3,0
GUARULHOS	1.315	2,8
CARAPICUÍBA	936	2,0
SUMARÉ	788	1,7
LIMEIRA	747	1,6
JUNDIAÍ	702	1,5

A comunidade haitiana em Campinas é o segundo maior contingente estrangeiro da cidade, com praticamente 11% do total dos 14.308 estrangeiros em Campinas.

País	População	%
COLÔMBIA	1.757	12,28
HAITI	1.561	10,91
VENEZUELA	1.054	7,37
ESTADOS UNIDOS	1.002	7,00
ARGENTINA	732	5,12
CHINA	620	4,33
PERU	588	4,11
ESPANHA	579	4,05
JAPÃO	570	3,98
CORÉIA DO SUL	536	3,75

A pesquisa no Datamigra também incluiu o fluxo migratório de haitianos em Campinas, no qual é possível observar que o ano de 2010 marca o início da vinda

desse fluxo para o município, sendo o ano de 2019 o de maior intensidade nesse fenômeno.



A websérie **Quando o Haiti chegou aqui** se estruturou com base nesses dados oficiais, nos depoimentos de personagens, de especialistas e da Prefeitura de Campinas como fonte oficial.

SELEÇÃO DE FONTES

A websérie **Quando o Haiti chegou aqui** entrevistou onze pessoas, entre fontes oficiais, especialistas e personagens:

FONTE OFICIAL

1. **Jacqueline Damazio Armando** é uma fonte oficial. Tem 54 anos, é professora da rede pública de Campinas e, nos últimos sete anos, tem atuado como gestora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa, da Secretaria Municipal de Assistência Social, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos de Campinas.

O trabalho dela na Prefeitura é desenvolver ações educativas para combater o racismo, a discriminação religiosa e a xenofobia.

A entrevista foi realizada no dia 10 de agosto. Na ocasião, ela explicou quais são as características do racismo no Brasil, dando exemplos e contextualizando as práticas e manifestações racistas e xeno-racistas. Ela explicou quais são as principais dificuldades e barreiras encontradas pelos haitianos, como o olhar de miserabilidade, condições subalternas de trabalho e as diversas formas de discriminação. Para além disso, ela nos forneceu ricas perspectivas sobre o contexto histórico e atual de Campinas, além da questão da heteroidentificação racial e das políticas públicas voltadas a imigrantes, refugiados e apátridas.

FONTES ESPECIALISTAS

2. **Denise Cogo** é uma fonte especialista. Professora e pesquisadora na área de Comunicação, com ênfase nas interfaces entre comunicação, mídia, interculturalidade, consumo, recepção, cidadania, migrações transnacionais, movimentos sociais e redes sociocomunicativas. Forneceu informações sobre as violências sofridas pelos imigrantes e trouxe novos olhares para o tema. Quanto às violências sofridas, conta sobre a exploração do trabalho e a situação agravante de sub-representação das mulheres.

Em relação aos novos olhares, ela aponta para as problemáticas perpetuadas pela mídia brasileira. Durante a entrevista, que ocorreu no dia 23 de agosto, ela contou que normalmente a prática do jornalismo, em função da velocidade com que produz informações, não permite retratar as questões sociais dos imigrantes de forma humanizada. Assim, poucos veículos conseguem captar a realidade com profundidade. Ela relatou que os imigrantes estão colocados na mídia sempre em uma posição de complacência, mas que o imigrante necessita de políticas públicas e da normalização da sua presença na mídia, pois é um sujeito de direitos que trabalha, possui um local de residência, convive com outras pessoas e precisa se sentir inserido na sociedade. Ela afirmou que o tratamento da mídia coloca os imigrantes em uma condição de inferioridade, devido ao contexto de colonização e escravidão. Nesse sentido, mencionou a interseccionalidade no racismo como um fator que amplifica as desigualdades e preconceitos com imigrantes negros. A sub-representação,

com ênfase na situação das mulheres negras e imigrantes, também foi apontada por Denise, que notou através de uma pesquisa que realizou com a população feminina do Afeganistão que essas mulheres são vistas como submissas e normalmente não são escutadas em matérias. Por fim, Denise apresentou a discussão sobre como podemos melhorar essa situação e menciona acreditar que aprofundar o debate da sub-representação midiática dessas populações pode contribuir para a mudança de cenário, assim como novas e melhoradas políticas públicas.

3. **Juliana Ribeiro** é uma fonte especialista. Pós-doutoranda e pesquisadora há seis anos do Núcleo de Estudos de População "Elza Berquo" (Nepo), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ela conversou conosco através de uma chamada de vídeo e contou quais são suas preocupações e teorias quanto ao tema.

O Nepo desenvolve pesquisas relacionadas à migração com todas as nacionalidades e é responsável pelo processo de entrevistas para quantificar os índices dessas populações. A pesquisadora contou achar importante fazer uma contextualização histórica do Brasil, como o conceito de xeno-racismo se aplica na realidade nacional, trazendo elementos que desmistificam a receptividade brasileira. Ela apontou que o xeno-racismo é tão forte no Brasil, que normalmente pessoas pretas e pardas brasileiras ainda são menos marginalizadas que o imigrante pardo, indígena ou preto.

A marginalização é lida por ela como uma forma de resistência, definindo a "margem" como um local de criatividade para resistir, visto que encontram uma realidade muito mais adversa do que se espera. Juliana Ribeiro analisa a importância de ressignificar a marginalidade que a sociedade impõe a esses imigrantes.

Juliana Ribeiro acredita que apesar da origem de marginalidade estar muito atrelada à opressão que sofrem, há espaço também para transformação, organização social, reflexão e, portanto, a construção da ideia de territorialidade, para que se entendam como seres nacionais. Para finalizar, ela ressaltou que, somente a partir da organização coletiva, todos ficarão sabendo dos direitos que possuem, pois o direito de fato é muito diferente do

direito constituinte. Essas situações de negação de direitos podem levar a outros agravantes, como a exploração trabalhista.

4. **Omar Ribeiro Thomaz** é uma fonte especialista. É um antropólogo que tem ampla experiência em questões sociais e culturais, especialmente relacionadas à África e ao Haiti. Ele concedeu uma entrevista, na qual ofereceu uma perspectiva profunda sobre as vivências dos haitianos no Brasil, destacando aspectos importantes, como a percepção da diáspora e as questões relacionadas ao racismo.

A entrevista com Omar Ribeiro Thomaz foi viabilizada pela mediação de Denise Monzani, uma pesquisadora associada do Centro de Estudos de Migrações Internacionais da Unicamp. Denise, que está realizando seu mestrado em Antropologia Social na Unicamp sob a orientação de Thomaz, foi fundamental para facilitar esse contato. As reflexões compartilhadas por Thomaz durante a entrevista forneceram insights valiosos sobre os desafios enfrentados pelos haitianos, não apenas em relação às suas expectativas quanto à diáspora, mas também em relação às questões de emprego e ao enfrentamento do racismo no Brasil. Sua contribuição foi essencial para a compreensão mais profunda e empática das experiências dos haitianos e enriqueceu o conteúdo.

PERSONAGENS

5. **Acácio Costa** é um personagem. É brasileiro e reverendo Pastor da Igreja Tocoísta no Brasil e membro do conselho de uma Organização da Sociedade Civil (OSC) em Campinas, a Associação dos Haitianos de Campinas e Região (AHCRD). A Igreja Tocoísta é um movimento cristão formado por seguidores do profeta angolano Simão Gonçalves Toco (1918-1984). A Igreja Tocoísta se baseia na Bíblia, mas também nos ensinamentos e nos milagres de Toco, que é considerado o “Homem Bom”. A Igreja Tocoísta tem milhões de fiéis em Angola e em outros países. Acácio Costa foi uma das últimas fontes entrevistadas e trouxe uma perspectiva única para o projeto.

Em sua entrevista, Costa compartilhou suas experiências e insights sobre a integração de imigrantes haitianos na região, evidenciando a importância do Clube Machadinho como um espaço de encontro e apoio a essa comunidade.

Ele salientou o fomento de eventos para a comunidade haitiana que são realizados no espaço. Além disso, ele pontuou a necessidade de promover a inclusão social e econômica dos imigrantes por meio das iniciativas executadas pela igreja tocoísta do Brasil e por homens de negócios africanos e norte-americanos, visando fomentar a produção socioeconômica da população haitiana em Campinas.

A participação de Acácio Costa na websérie ressalta a diversidade de vozes e perspectivas que contribuem para a compreensão dos anseios da população haitiana em relação à promoção da cultura preta em relação às demais culturas negras do Brasil e de outros países. A sonora enriqueceu o conteúdo do projeto, demonstrando como a colaboração intercultural desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de soluções eficazes e socialmente impactantes.

6. **Herlie Fleurian e Rousseau Tunes** são personagens. Casados, moram no Brasil há 9 anos. Vieram para cá por motivos diferentes e em épocas diferentes. A entrevista aconteceu na casa da família, onde moram o casal, o filho de 4 anos e a mãe de Herlie. Eles possuem casa própria, após 9 anos morando no país, e emprego fixo. é um personagem. Haitiana, mãe e casada com Rousseau. Eles se conheceram no Haiti e depois retornaram ao Brasil juntos. Hoje, possuem uma casa alugada e Herlie trabalha há 9 anos em um hospital. Em nossa conversa, ela não relatou ter percebido nenhum tipo de preconceito ou grandes dificuldades de adaptação.
7. **Heberto Desir** é um personagem. Haitiano, tem 42 anos, é casado e mora em Campinas há 9 anos. No momento se encontra desempregado e mora com a esposa e mais quatro filhos em uma casa alugada. Ele relatou que ele e a família encontram diversas dificuldades no dia a dia. Heberto analisa que sofreu racismo algumas vezes, principalmente no trabalho. Ele enfatizou que nunca sofreu qualquer tipo de violência física.
8. **Charles Guernaud** é um personagem haitiano de 38 anos, e residente em Campinas desde 2011, quando ganhou uma bolsa das organizações Pró Haiti e CAPES para estudar pedagogia na Unicamp. Possui trabalho registrado como eletromecânico e mora com mais duas pessoas que não são da família. Ele alega nunca ter tido dificuldade de adaptação, nem mesmo para acessar

os serviços públicos, entretanto relatou ter sofrido situações em que foi tratado de forma diferente por ser imigrante. Além disso, contou que foi vítima de racismo, como na situação em que relata ter sido acusado de furto de um carregador de celular.

9. **Valentina Placid Devl** é uma personagem. Haitiana e é mãe de 5 filhos. Ela não deu muitos relatos valiosos para a websérie, pois apresentava um perfil mais fechado para expor detalhes sobre sua vida, entretanto, contou que considera um pouco melhor a realidade morando no Brasil, considerando que aqui ela possui trabalho e as filhas estão estudando.

Durante a conversa, ela relatou já ter percebido situações de racismo, mas que não era algo que a afetasse. Perceptivelmente não era um assunto que ela gostaria de falar, principalmente por desviar do assunto.

10. **Oreste Saint Brice** é um personagem de 45 anos. É haitiano, estudante da Unicamp e mora em Campinas há 10 anos, por isso, relata já estar acostumado com as questões culturais e sociais do Brasil, apesar de ter sido a primeira dificuldade a enfrentar, seguido pelo racismo. Ele conta que o ambiente universitário teve diversos momentos de hostilidade por parte dos alunos brancos, e que as diferenças sociais também o impactaram.

Na ocasião, ele relata ter sofrido injúria no refeitório da Unicamp, no qual o aluno branco o ofendeu em público ao dizer que o imigrante apresentava cheiro de “bosta”.

CAPÍTULO 2

DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO

O primeiro grande desafio do projeto foi a obtenção de fontes oficiais, fontes especialistas e dados oficiais sobre a presença haitiana no Brasil e sobre a questão do racismo.

Apesar da disponibilidade inicial de Sérgio Max, o gestor parou de retornar os contatos no início do processo de gravação das sonoras. Ele era a nossa fonte oficial, aquela que planejamos utilizar jornalisticamente para dar consistência ao projeto. A solução encontrada foi entrevistar Jacqueline Damazio Armando, que atua em área afim na Prefeitura de Campinas. Ela trouxe dados importantes sobre a questão da imigração e do racismo durante o processo de apuração.

Outro desafio foi a pesquisa de fontes especialistas, mas após diversas abordagens encontramos três pessoas que deram consistência conceitual para a elaboração da websérie **Quando o Haiti chegou aqui**. A professora Denise Cogo forneceu uma visão da produção jornalística e midiática pertinente à presença haitiana no Brasil. A pesquisadora Juliana Ribeiro ofereceu uma perspectiva histórica do fenômeno migratório haitiano e o antropólogo Omar Ribeiro Thomaz contribuiu com sonoras que proporcionaram uma dimensão mais profunda das vivências haitianas no Brasil.

Já quatro personagens entrevistados, conseguidos por meio de network da Prefeitura de Campinas, os outros três foram através dos nossos esforços em encontrar contatos através de pessoas envolvidas com a causa haitiana. Eles forneceram experiências valiosas sobre os desafios vividos em Campinas que puderam qualificar os conceitos apresentados pelos três especialistas e pela fonte oficial que se dispôs a dar entrevista para a websérie.

O projeto inicial previa a inclusão de venezuelanos na websérie, mas a dificuldade de coletar depoimentos de personagens sobre o tema e manter uma relação próxima de fonte, conforme já descrito anteriormente, acabou por nos levar a descartar esse grupo social. Conforme mostramos no processo de apuração, a relevância do grupo haitiano deu consistência suficiente para o desenvolvimento do projeto em termos considerados satisfatórios pelo grupo e pelo professor orientador Artur Araujo.

Outro desafio enfrentado pela equipe referiu-se ao conceito inicial do projeto experimental, que era a exploração do tema do xeno-racismo. Apesar dos relatos dos especialistas e do conceito academicamente discutido em termos globais, entendemos que não foi possível encontrar depoimentos fortes suficientes para sustentar, por meios de sonoras, a tese do xeno-racismo. O grupo também não encontrou, no noticiário regional, dados marcantes em Campinas e região que conseguissem ilustrar o conceito de xeno-racismo de modo convincente. Chegamos a pesquisar, por meio da Lei de Acesso à Informação, dados da Polícia Civil sobre ocorrências de racismo e xenofobia na cidade. Os números entretanto se mostraram frágeis ou inexistentes, o que nos leva a pensar em uma subnotificação do fenômeno, mas sem fundamentos também para sustentar, de modo consistente na websérie **Quando o Haiti chegou aqui** a tese. Segundo dados oficiais, Campinas registrou, em média, 42 casos por ano de racismo, o que nos pareceu pouco.

CIDADE	CAMPINAS										
Contagem de DESCR_TIPO_BO	Rótulos de Cr										
	1992	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	Total	
	Trim.4										
	nov										
Rótulos de Linha	08/11/1992										
Boletim de Ocorrência	1	44	61	65	36	63	36	50	26	382	
Total	1	44	61	65	36	63	36	50	26	382	

Solicitamos ainda, por meio da Lei de Acesso à informação e com a ajuda do professor Artur Araujo, casos de racismo registrados judicialmente no município. O número de casos, que totalizaram 24 entre 2019 e 2023, nos pareceu pouco consistentes para uso na websérie.

Distribuição de Processos de Assuntos Relacionados aos Crimes de Injúria Racial e Racismo							
Foro de Campinas - Período de 01 de janeiro de 2019 a 30 de junho de 2023							
Assunto	Sentença	2019	2020	2021	2022	2023	Total
Injúria Preconceituosa em Razão de Cor	Processo Extinto	0	0	1	0	0	1
	Sentença de Absolução - Não Constituir o Fato Infração Penal (Art. 386, III, CPP)	0	0	0	1	0	1
	Total:	0	0	1	1	0	2
Injúria Preconceituosa em Razão de Raça	Não Sentenciado	0	0	0	1	2	3
	Total:	0	0	0	1	2	3
Crimes Resultante de Preconceito de Raça ou de Cor	Condenação à Pena Privativa de Liberdade e Multa COM Decretação da Prisão	0	0	0	1	0	1
	Condenação à Pena Restritiva de Direitos - Prestação de Serviços à Comunidade	1	0	0	0	0	1
	Não Sentenciado	1	2	4	7	2	16
	Sentença de Absolução - Não Constituir o Fato Infração Penal (Art. 386, III, CPP)	0	0	0	1	0	1
	Total:	2	2	4	9	2	19
Total Anual e Geral:		2	2	5	11	4	24

O tema, após discussão com o orientador Artur Araujo, foi mantido, mas não de modo tão destacado quando havia sido inicialmente planejado.

No processo de apuração, foi solicitado ainda ao Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, por meio de Lei de Acesso à Informação, dados sobre quantos imigrantes haitianos e venezuelanos usufruem de benefícios do Cadastro Único, já que uma parte dos imigrantes é beneficiária desses serviços. O pedido foi feito devido ao fato de a plataforma do Cead⁸ não oferecer essa informação. Em resposta à solicitação, o referido Ministério alegou, conforme pode ser visto na resposta abaixo, não dispor de dados a esse respeito.

⁸ https://cecad.cidadania.gov.br/tab_cad.php

Prezado Senhor,

Em atenção ao pedido de acesso à informação, registrado sob o NUP 71003.032128/2023-55 o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), por meio da Secretaria de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único (SAGICAD), através da Coordenação-Geral de Apoio à Integração de Ações (DGCAD/CGAIA) a qual comunica negativa de acesso.

Justificamos a negativa de acesso à informação, em razão da impossibilidade de atender ao pedido, uma vez que os dados requisitados não estão sistematizados na forma solicitada pela demandante.

Ademais, esclarecemos que seria necessário deslocar recursos humanos e tecnológicos para gerar os dados solicitados, o que impactaria na rotina operacional de gestão do auxílio emergencial. Trata-se, portanto, trabalho adicional previsto no art. 13, inc. III, do Decreto nº 7.724/2012, a saber:

Art. 13. Não serão atendidos pedidos de acesso à informação:

I - genéricos;

II - desproporcionais ou desarrazoados; ou

III - que exijam trabalhos adicionais de análise, interpretação ou consolidação de dados e informações, ou serviço de produção ou tratamento de dados que não seja de competência do órgão ou entidade.

Parágrafo único. Na hipótese do inciso III do caput, o órgão ou entidade deverá, caso tenha conhecimento, indicar o local onde se encontram as informações a partir das quais o requerente poderá realizar a interpretação, consolidação ou tratamento de dados.

O primeiro contato com a ferramenta Datamigra foi frustrante porque o sistema não funcionava a contento no mês de agosto. Apenas em outubro a plataforma funcionou, fornecendo informações vitais para a construção da websérie. No mês de outubro, entretanto, a ferramenta funcionou e dados valiosos para a apuração de **Quando o Haiti chegou aqui** ficaram disponíveis.

Durante as gravações, o grupo enfrentou algumas dificuldades com o empréstimo de LED, iluminação necessária, por parte do Labis, pois o empréstimo era possível por até quatro horas e isso dificultava nossas locomoções. Outro problema enfrentado foi em relação à gravação com as lapelas, pois todos do grupo possuíamos iphone, e as lapelas precisavam de uma entrada p2 disponível apenas para androids. Os problemas foram sanados quando o professor Artur Araujo nos disponibilizou seu LED para fazermos a maior parte das nossas gravações, além disso, o aluno Brener Pompêo conseguiu ter acesso a uma lapela por bluetooth, o que facilitou as gravações.

O grupo optou por realizar as filmagens de forma independente, apenas utilizando os equipamentos de gravação (câmera, lapela e tripé), visto que havíamos tido poucas oportunidades de colocar em prática nossos conhecimentos e habilidades audiovisuais durante a graduação. O processo ocorreu tranquilamente, no qual uma das integrantes tinha conhecimentos técnicos satisfatórios, e os outros dois integrantes tinham habilidades voltadas para outras áreas de conhecimento, que foram se complementando.

Dias antes da entrevista com a pesquisadora Jade Alcântara, escritora do livro “Para Além da Imigração Haitiana: Racismo e Patriarcado como Sistema Internacional”, sua assessoria nos questionou sobre a possibilidade de receber cachê, repartição de lucros pela produção intelectual e auxílio financeiro com os gastos de alimentação e transporte. Apesar de o grupo já ter se programado para viajar até São Paulo, não aceitou as propostas e tomou a decisão de não seguir com a especialista.

Outra dificuldade que encontramos foi com a gravação da pesquisadora Denise Cogo, que possuía poucos horários disponíveis e também morava em São Paulo. Após diversas tentativas malsucedidas, decidimos fazer a entrevista online.

Após as gravações das entrevistas, que finalizaram na última semana de outubro, iniciamos as decupagens através da plataforma Pinpoint, que trouxe velocidade ao processo.

O roteiro foi alterado cinco vezes até chegarmos à versão final. Os episódios foram pensados para que os acontecimentos e as linhas do tempo se complementem. Para manter a organização, criamos pastas em nuvem para cada uma das decupagens, contendo todos os offs, imagens de apoio, entrevistas, áudios,

briefings de infográficos, vinhetas e propostas de identidade visual. Foi assim que chegamos ao processo de edição.

PROCESSO DE EDIÇÃO

O título da websérie inicialmente era “O racismo por trás do passaporte”. Entretanto, após constatarmos que o xeno-racismo não seria mais o elemento principal da produção, notamos que seria interessante um título que focasse na criação de uma sociedade haitiana dentro do território de Campinas. O nome foi definido durante a produção da vinheta, em outubro. Naquele momento, escolhemos **Quando o Haiti chegou aqui**. Esse nome foi inspirado pela canção "Haiti", de Caetano Veloso e Gilberto Gil, que com sua poética e crítica social, reflete sobre a condição de pretos, pobres e pardos. Quisemos assim fazer uma conexão com a experiência dos imigrantes haitianos no Brasil, sugerindo uma reflexão sobre inclusão e diversidade.

No processo de edição, o grupo decidiu usar, além das sonoras, infografias obtidas durante o processo de apuração. Cada infográfico foi concebido para complementar e reforçar a narrativa de **Quando o Haiti chegou aqui**. Foram usadas estatísticas obtidas durante a pesquisa, transformadas em elementos visuais que facilitam a compreensão e o engajamento do espectador. Tais dados reforçam as informações apresentadas pelos entrevistados. Por isso, realizamos seis briefings idealizando os parâmetros visuais e realizamos três sessões de edição no Labis da PUC-Campinas, com o editor Gabriel Oliveira.

O processo de criação dos infográficos foi bem longo e trabalhoso. O grupo foi ajudando o editor trazendo ideias, para que o produto final ficasse do jeito que queríamos. Como tínhamos pouco tempo, algumas ideias tiveram de ser simplificadas, mas em geral todos os gráficos atenderam às expectativas.

A escolha das cores foi muito importante para a identidade da websérie, e foi no momento da edição dos infográficos que decidimos a paleta a ser usada, amarelo, vermelho terra, e marrom, todos os tons pastéis. Nesta etapa contamos com a ajuda do editor que elaborou, em 4 dias, cada um dos 5 infográficos que usamos na websérie.

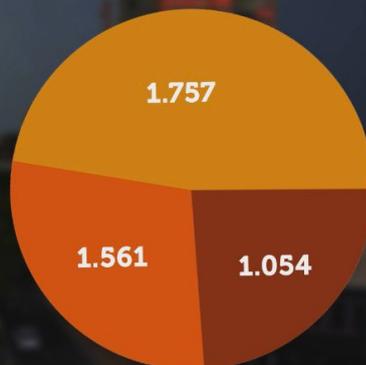
Infográficos da websérie:

Maiores contingentes de imigrantes em Campinas

1º Colômbia

2º Haiti

3º Venezuela



Total de imigrantes: 14.449

Fonte: OBMigra / Datamigra (gov)

1º

São Paulo



24.672

2º

Sorocaba



2.425

3º

Campinas



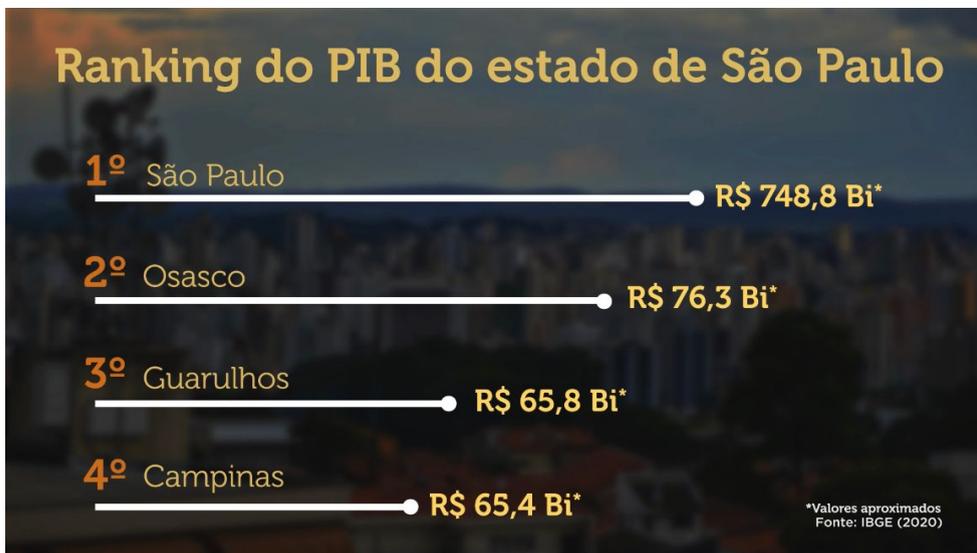
1.561

Fonte: OBMigra / Datamigra (gov)



De 2019 até
Junho de 2023 foram
114 haitianos
atendidos pelo
Serviço de Referência
ao imigrante e
Apátrida.

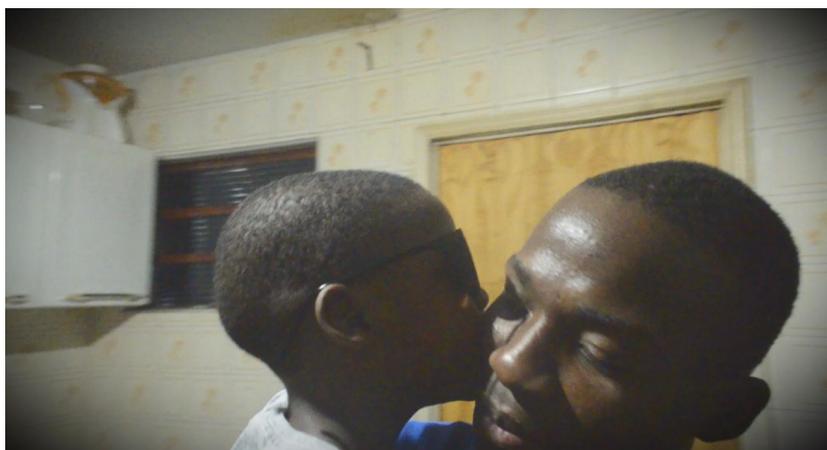
Fonte: Prefeitura de Campinas



O editor Gabriel Oliveira foi o responsável pela produção da vinheta, que tem cerca de 20 segundos e que faz uma transição entre o contexto caótico da crise no Haiti e um contexto de esperança no Brasil, por meio de uma montagem de imagens. A vinheta se divide em dois momentos: o pré-chegada e o pós-chegada dos imigrantes haitianos. No primeiro momento, são mostradas imagens fortes em preto e branco de uma realidade cruel e de momentos difíceis vivenciados pela população haitiana em seu país de origem, após o terremoto de 2021, bem como o contexto geopolítico que envolve a presença do exército brasileiro através da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH). A trilha sonora é densa e nebulosa, criando um clima de tensão e angústia. No segundo momento, as imagens ganham cor e a música se torna mais leve e inspiradora, com notas que

suavizam o tom pesado do início. São destacadas a realidade da população haitiana na cidade de Campinas, a inserção social deles e a adaptação ao novo contexto.

Imagens da vinheta:



Optamos ainda por contratar o editor freelancer Igor de Paula, conhecido comercialmente como Unegreen e fundador da produtora audiovisual Unegreen

Filmes. Igor é especialista em tratamento de imagens em peles negras e precursor do termo “Show de Imagens”, que circula dentro do cenário artístico-independente. Esse termo se refere à qualidade e ao cuidado no tratamento de suas obras audiovisuais, que demonstram ser um show, um espetáculo de imagens. Além disso, Igor é fotógrafo e diretor criativo, tendo realizado projetos com a revista Elle Brasil, GQ Brasil, L’Officiel, Budweiser, SPFW 22 e 23, Spotify e Nubank.

Igor foi considerado uma escolha coerente para se dedicar à montagem de depoimentos e à estruturação dos capítulos, visto seu vasto conhecimento em lidar com fotografia e coloração de pessoas de pele negra. Dividimos o produto em três episódios: “Choque e Esperança”, que mostra a magnitude do desastre no Haiti e explica a escolha do Brasil como destino desses imigrantes; o segundo episódio se chama “Barreiras Invisíveis” e destaca os desafios de adaptação dos imigrantes em Campinas; e, por fim, o episódio final leva o nome de “Além da Sobrevivência”, que discute formas de superação de adversidades e apresenta ideias sobre como construir uma sociedade mais acolhedora e inclusiva.

A edição foi feita em etapas, começando pelo primeiro, no qual a integrante Emily ficou responsável por orientar e dedicar um tempo para sanar possíveis dúvidas e fazer um acompanhamento em tempo real. O editor Igor, inicialmente apontou quais eram suas ideias, e trabalhou no primeiro episódio pensando em atender às expectativas quanto às reportagens e imagens de arquivos necessárias para construir a narrativa da catástrofe.

Foi necessário implementar transições e efeitos visuais para inserir os fragmentos de notícias, que ilustram e reforçam as falas dos especialistas.

A primeira versão pediu alterações na altura da trilha sonora -em momentos específicos, reordenamento de alguns infográficos, e escolhas específicas de imagens de apoio, pedindo para retirar aquelas com teor muito sensível. Também inserimos novas referências de GC’s, a fim de alinhar a estética com a do logotipo desenvolvido pelo grupo, além de escolher informações específicas para aparecer em cada categoria de fonte.

O objetivo visual desse primeiro episódio foi criar uma atmosfera de atenção para o fenômeno e preocupação humanitária que é preciso ter com esse fluxo de migração, com imagens mais fortes do que o tradicional, como característica da

autoralidade do grupo, além de uma atmosfera mais densa, que deve ir se diluindo conforme a sequência das cenas e episódios, que se conectam entre si.

No segundo episódio da websérie, o editor precisou de ajuda em relação ao roteiro, pois a minutagem das entrevistas estava baseada apenas no áudio. Tivemos que refazer e padronizar o roteiro para as decupagens ficarem alinhadas às imagens também, visto que áudio e imagem foram gravados separadamente, visando maior qualidade. Além disso, foram necessários diversos ajustes quanto à sincronia do áudio e imagem, cortes necessários e alterações nas trilhas sonoras.

A partir das experiências e lições aprendidas nos dois primeiros episódios, bem como as pontuações e sugestões de Igor para agilizar o processo de edição, o terceiro episódio foi construído com mais clareza e objetividade, não necessitando de tantas intervenções em sua constituição. Algumas das pontuações de Igor no terceiro episódio consistiram em enumerar os offs e alinhar as falas que estavam convergentes entre o segundo e o terceiro episódio.

Ademais, o terceiro episódio teve como objetivo visual construir uma ambientação que demonstrasse a resolução das temáticas desenvolvidas ao longo do primeiro e segundo episódio, de modo que transmitisse um ar de superação às adversidades vivenciadas pela população haitiana no território campineiro. Desta forma, a atmosfera dada ao terceiro episódio remete a imagens mais leves e cores mais quentes, consolidando a websérie documental desenvolvida ao longo do semestre.

Depois que o editor enviou os três episódios, o grupo começou a listar algumas mudanças que precisavam ser feitas, como a escolha da trilha sonora, que ficou muito alta junto com as falas dos entrevistados, e também bem agitadas, não combinando com a mensagem que queríamos passar nas cenas.

Além da trilha sonora, os GC's não atenderam às expectativas, pois o editor colocou somente as informações na tela, em fonte arial na cor branca. Os GC's também não mantinham um padrão estético.

Também sinalizamos mudanças nas imagens de cobertura, pois não estavam tão adequadas e queríamos algo mais específico com o que estava sendo transmitido. Além disso, apontamos para o editor uma troca na ordem dos infográficos e uma mudança na transição dos cortes que ficaram ruins.

O produto final foi concluído e lapidado pelo editor da PUC, Gabriel Oliveira, que demonstrou assertividade e rapidez em solucionar os problemas enfrentados com o editor inicial. Devido à escassez de horários disponíveis para concluir a edição, o grupo passou extensivas horas na ilha de edição do Labis na semana de entrega do trabalho, melhorando aspectos visuais e jornalísticos, a fim de chegar no melhor resultado possível.

PROJETO/PROPOSTA (CONCRETA) DE DIVULGAÇÃO

A respeito da proposta de divulgação estabelecida pelo grupo para a websérie documental desenvolvida ao longo do semestre, **“Quando o Haiti chegou aqui”**, pode-se dizer que ela acontecerá através de alguns canais de difusão, deste modo, podemos citar eventos culturais, festivais, plataformas de streaming independente e por meio da veiculação digital do conteúdo. Deste modo, nosso objetivo é estreitar a relação com a Prefeitura de Campinas para que seja possível vincular a proposta da websérie a agenda afrocultural da cidade de Campinas, veiculando para o público-alvo qualificado.

A partir disso, vamos solicitar também à Câmara de Vereadores para que a websérie seja exibida em sessão no Legislativo Municipal, assim como na TV Câmara e no website da instituição. Nesse contexto, visamos nos aproximar e apresentar nosso projeto para a 1ª Vereadora LGBTQIAPN+ de Campinas e Líder da Bancada do PT Campinas, Paolla Miguel, bem como Cecílio Santos, Vereador eleito pelo PT em Campinas e pelo Vereador eleito pelo PSB, Carlinhos Camelô.

Além disso, buscamos uma proximidade com o Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, Dra. Nicéa Quintino Amauro sediado na PUC-Campinas para exibir ou a websérie completa ou teasers em eventos relativos à temática de direitos humanos. Ademais, contamos com o apoio dos canais de comunicação da PUC-Campinas: o Instagram do portal de notícias da Faculdade de Jornalismo (<https://www.instagram.com/digitaispuccampinas>) e a plataforma do LabIS (Laboratório de Imagem e Som), que pertence ao Centro de Linguagem e Comunicação (CLC) da Universidade.

Pretendemos, da mesma forma, inserir a websérie documental na plataforma de vídeos brasileira Libreflix (<https://libreflix.org>), que oferece acesso a conteúdos audiovisuais, como: longas, curta-metragens e séries de documentários e ficção

online de forma gratuita. A Libreflix é uma plataforma de streaming de vídeo de código aberto que se destaca por sua filosofia de cultura livre. Ela oferece acesso a produções audiovisuais independentes que fazem pensar, como filmes, documentários e séries. A plataforma é colaborativa, permitindo que qualquer pessoa possa contribuir com conteúdo ou com o desenvolvimento do site. A Libreflix foi criada em 2017 pelo hacktivista brasileiro Guilmour Rossi, com o objetivo de democratizar o acesso à cultura e ao conhecimento.

Temos como objetivo também, veicular a websérie na Wolo TV (<https://www.wolo.tv/>), produtora e estúdio criativo focado na cultura negra. A Wolo TV também atua como uma plataforma de streaming independente afrocentrada, sendo muitas vezes citada com a Netflix Negra. Nosso contato se dará através de Licínio Januário e Leandro Lemos, Co-fundadores da Wolo TV.

A respeito de uma perspectiva mais nacional, pretendemos cadastrar nossa produção ao streaming do Itaú Cultural (IC), intitulado Itaú Cultural Play (<https://www.itauculturalplay.com.br/>), plataforma que reúne em seu portfólio o cinema e o audiovisual nacional. O IC, criador da Itaú Cultural Play, é uma organização voltada para a pesquisa e a produção de conteúdo e para o mapeamento, o incentivo e a difusão de manifestações artístico-intelectuais. Dessa maneira, contribui para a valorização da cultura de uma sociedade tão complexa e heterogênea como a brasileira.

No contexto local, reforçamos a participação da websérie documental junto ao MIS Campinas, democratizando o acesso a nossa contribuição audiovisual para a população campineira. Acreditamos ainda que o projeto tem potencial para ser inscrito em festivais e concursos de cinema e de produção audiovisual que venham ao encontro do tema explorado, como por exemplo:

- **Negritudes - Viva as narrativas pretas**, evento realizado pela Globo que debate como o conteúdo audiovisual pode valorizar narrativas mais diversas e inclusivas a partir da perspectiva de criadores e protagonistas negros.
- **Festival Ecocine**, evento que há 31 anos promove o cinema socioambiental, abordando temas como refugiados, povos originários, segurança alimentar e cultura de paz.

- **S Festival**, que incentiva o cinema experimental e a videoarte, com foco em obras brasileiras. O festival não tem data limite para envio de projetos, nem restrição de época. Os filmes selecionados são divulgados no canal do festival.

Os integrantes estão também buscando outras oportunidades de apresentar o produto em fóruns mais amplos que discutam a temática dos Direitos Humanos, bem como associar nosso produto a eventos e festivais realizados pelo SESC Campinas e SESC São Paulo.

A websérie está sendo divulgada também no Instagram do próprio projeto (<https://www.instagram.com/haitichegouaqui/>) e no YouTube. Algumas das postagens foram 'impulsionadas', por meio de mídia paga da própria plataforma, com intuito de alcançar um número maior do público característico da temática, atingir seguidores provenientes dessas visualizações e obter maior visibilidade no conteúdo produzido. A divulgação do projeto também ocorreu na rede social Instagram de cada um dos integrantes do grupo. Ao longo das gravações, alguns trechos das entrevistas foram publicados e, após definição da data de apresentação, serão desenvolvidas artes para divulgação, que constam dos anexos.

CUSTOS E GASTOS

Desde o início, quando o grupo decidiu produzir uma websérie, sabíamos que teríamos vantagens em relação aos gastos, pois teríamos dois carros à nossa disposição, o que nos pouparia tempo e dinheiro.

O grupo alinhou de cada integrante dar a quantia de R\$10,00 para custear a gasolina toda vez que fôssemos realizar uma entrevista, apuração ou resolver qualquer demanda da produção. No total, foram 8 vezes que fomos de carro até um local específico de Campinas entrevistar fontes para websérie, ou seja, cada integrante do grupo pagou R\$ 80,00 de gasolina.

Além da gasolina, tivemos outros gastos com a produção, como pilhas, armazenamento de 200GB no drive e envio de pacote com o HD pelos Correios.

Os impulsionamentos no Instagram nos custaram cerca de R\$60,00, e foi dividido entre os integrantes.

Além disso, tivemos gasto com a edição, que ficou no valor de R\$750,00.

Tabela de gastos

Gasolina	R\$ 240
Drive	R\$ 9,90/p mês
Pilhas	R\$ 50,00
Correio	R\$ 51,31
Editor	R\$ 750,00
Mídia paga	R\$60,00
Total	R\$ 1.231,00

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 set. 2023.

Comparato, Doc. **Da criação ao roteiro**. 5a ed. São Paulo: Summus, 2018. Epub.

Demétrio, N. B., Baeninger, R., e Domeniconi, J. O. S. (2023). Imigração haitiana no Brasil: questão humanitária e reunião familiar. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, 31(67), 177-195. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006711>>. Acesso em: 14.out.2023.

Eisenstein, Sergei. **A forma do Filme**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

Faustino, D. M., e Oliveira, L. M. (2021). Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, 29(63), 237-256. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>>. Acesso em: 20.ago.2023.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo, Atlas, 1999.

Gomes, Laurentino. **Escravidão** – Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. São Paulo: Globo Livros, 2019a, edição Kindle.

Gomes, Laurentino. **Escravidão** – Vol. 3: Da Independência do Brasil à Lei Áurea. Edição do Kindle. São Paulo: Globo Livros, 2019b.

Hergesel, João Paulo. **Estilística aplicada à websérie**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

Husserl, Edmund. **Investigações lógicas**: Sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. (Os Pensadores). São Paulo, Abril Cultural, 1980.

Kovach, Bill; Rosenstiel, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Trad. Wladir. Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

Magalhães, L. F. A., Bógus, L. M. M., e Baeninger, R. (2018). Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, 26(52), 121-141. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005205>>. Acesso em: 14.out.2023.

Portes Virginio, F., Stewart, P., e Garvey, B. (2023). Unpacking Super-Exploitation in the 21st Century: The Struggles of Haitian Workers in Brazil. **Work, Employment and Society**, 37(4), 897-915. Disponível em <<https://doi.org/10.1177/09500170211060748>>. Acesso em: 14.out.2023.

Silva, L. M. M., e Lima, S. S. (2016). Imigração haitiana no Brasil: os motivos da onda migratória, as propostas para a inclusão dos imigrantes e a sua proteção à dignidade humana. **Direito, Estado e Sociedade**, 48(1), 167-195. Disponível em <<https://revistades.jur.puc-rio.br/index.php/revistades/article/view/541>>. Acesso em: 14.out.2023.

Silva, S. A. (2017). Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 34(1), 1-19. Disponível em <<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0009>>. Acesso em: 14.out.2023.

Sivanandan, A. Poverty is the New Black. **Race e Class**, v. 43, n. 2, 2001, p. 1-5. DOI: 10.1177/0306396801432001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306396801432001?journalCode=rach>. Acesso em 8 set. 2023.

Souza, José Julliana. Websérie documental: um conceito em discussão. **Triade Comunicação Cultura e Mídia**. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4899/4633>. Acesso em 27 mai. 2023. DOI: 10.22484/2318-5694.2022.v10.n1.p1-20.

Traquina, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Vol. 1: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004

ANEXOS

Roteiro final de edição

Episódio 1

Screenwriter: Emily França
Time: 00:10:00

- **Título do episódio:** Choque e Esperança

- **Pasta com decupagens:**

<https://docs.google.com/document/d/1Kb9GzrXmBoCUMtowKcKSotNZd8Tc5vatGGNo88oUSLc/edit?usp=sharing>

- **Personagens e fontes (nome de todos que participarão neste episódio):**

Especialistas:

Juliana Ribeiro

Omar Ribeiro Thomaz

Acácio Costa

Personagens:

Heberto Desir

Charles Guernaud

Herlie Fleurian

Rousseau Tunes

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo/Take	Câmera Efeitos (sugestões)	VÍDEO (imagens de apoio) takes com <i>sugestão</i> de tempo	ÁUDIO OFF e Sonoras
x	x	Cena 1	
	GC - Efeito digitando máquina de escrever (todos)	<p>anexovideo.1 - 0'00 - 0'32"</p> <p>anexovideo2- 0'00" - 0'28"</p> <p>anexovideo3 - 0'48" - 1'14"</p>	<p><i>[A fala mais impactante que encontramos sobre a saída do Haiti]</i></p> <p>Sonora 0: Juliana Ribeiro</p> <p>28'39" (esse terremoto) - 28'56" (do seu país)</p> <p>SOBE SOM VINHETA DESCE SOM</p> <p>xxx</p> <p>OFF 1: O terremoto de magnitude 7,2 atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe, em 2010.</p> <p>OFF 2: O país, que já enfrentava problemas econômicos e políticos, enfrentou a maior crise já vista. Segundo dados do Data Migra do governo federal, mais de 170 mil haitianos entraram em território brasileiro entre 2010 e 2022.</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo/Take	Câmera Efeitos (sugestões)	VÍDEO (imagens de apoio) takes com <i>sugestão</i> de tempo	ÁUDIO OFF e Sonoras
		<p>GC - Nome, especialização Captação de frente e lateral Omar Ribeiro Thomaz Doutor em Antropologia pela USP Pesquisador de Campo no Haiti</p> <p>anexovideo1 - 0'42" - 01'00"</p> <p>GC - Nome, especialização Captação de frente e lateral Juliana Ribeiro Pós Doutoranda em demografia - Unicamp. Pesquisadora do Observatório das migrações em São Paulo</p> <p>Reportagens sobre o destaque do Brasil nas relações de migração</p> <p>DESTAQUE O ano de pico de imigração haitiana para o estado de São Paulo foi em 2020, com 14.648 haitianos.</p> <p>Colagem anexo-dilma anexo-onu anexo-recorde</p> <p>Imagens Museu da imigração - uma das imagens é do Haiti (potencialmente colocar nome da exposição)</p>	<p>Omar - Sonora 1</p> <p>12'04" (acho que é) - 12'51" (François Duvalier)</p> <p>Omar- Sonora 2</p> <p>16'04" (E aí você tem) - 16'52" (do país)</p> <p>Juliana Ribeiro- Sonora 1</p> <p>25'14" (O IBGE) - 26'10" (buscar nosso país)</p> <p>SOBE SOM</p>
	De costas e lateral (esquerda) variar graus		

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo/Take	Câmera Efeitos (sugestões)	VÍDEO (imagens de apoio) takes com <i>sugestão</i> de tempo	ÁUDIO OFF e Sonoras
		<p>Algum artefato que remeta à cultura Haitiana</p> <p>-Imagens de detalhes das roupas, olhar, mãos, cabelo...</p> <p>-Fazendo atividades diárias</p> <p>-Caminhando pela rua</p> <p>Rosto dos personagens Dando uma volta na rua</p> <p>GC Heberto Desir, 42 anos, Haitiano. Casado, 4 filhos. Serviço de limpeza</p> <p>GC Charles Guernaud, 38 anos, Haitiano. Solteiro, 1 filho. Eletricista e autônomo.</p> <p>GC Rousseau Tunes, 37 anos, Haitiano. Casado, 1 filho. Assistente de compras.</p>	<p>IMAGENS</p> <p>DESCE SOM</p> <p>Fala dos personagens do porque vieram para o Brasil.</p> <p>Sonora - Heberto Desir 4'37" (no meu caso) - 4'49" (seu motivo) 4'58" (e depois) - 5'47" (do país)</p> <p>Sonora - Charles Guernaud 01'19" (o motivo) - 1'26" (CAPES)</p> <p>Sonora - Rousseau Tunes 02'57" (O meu) - 03'23" (você ir)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo/Take	Câmera Efeitos (sugestões)	VÍDEO (imagens de apoio) takes com <i>sugestão</i> de tempo	ÁUDIO OFF e Sonoras
		<p>GC Herlie Fleurian, 32 anos, Haitiana. Casada, 1 filho. Faturista</p> <p>Imagens de apoio da Juliana fazendo pesquisas Tomando café imagens do ambiente</p> <p>https://drive.google.com/file/d/1ibOK8pGBtIEMWuAKajbdCnSOGeQjzn8/view?usp=sharing - 0'31" (circulou) - 1'21" (quanto fica?)</p> <p>anexo.desempregohaiti (fala sobre IDH) anexo.independencia (fala sobre sanções)</p> <hr/> <p>Anexo-acredeporta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Antes ou depois da fala em off 3 <p>Imagem de apoio - Durante a fala em off Campinas</p>	<p>03'31" (aí acabei) - 03'37" (escolha boa)</p> <p>Sonora - Herlie Fleurian</p> <p>03'50" (E para) - 04'16" (com ele)</p> <p>Juliana - Sonora 2</p> <p>26'39" (O haiti é) - 27'16" (de escravizados)</p> <p>27'29" (foram aplicadas) - 27'53" (políticas internacionais)</p> <hr/> <p>OFF 3 Entre 2017 e 2022, São Paulo foi o estado que mais recebeu haitianos segundo o OBMigra, chegando a mais de 48 mil imigrantes.</p>

INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira			
Tempo/Take	Câmera Efeitos (sugestões)	VÍDEO (imagens de apoio) takes com <i>sugestão</i> de tempo	ÁUDIO OFF e Sonoras
		<p>Legenda em destaque - Em 2019, Campinas recebeu o maior número de imigrantes haitianos. 297 haitianos se instalaram na cidade.</p> <p>-Captações Rua e carros (parte que compara com SP) -Lojas do centro Infográfico 1 - off 5</p> <p>Infográfico 2 - off 6</p>	<p>OFF 4 Campinas, cidade do interior Paulista, recebeu cerca de 1.500 haitianos nesse mesmo período segundo os dados do OBMigra.</p> <p>Juliana - Sonora 3</p> <p>34'18" (Campinas está) - 35'21" (pro imigrante)</p> <p>OFF 5 Em 2021, a média salarial de Campinas chegou a 3,8 salários mínimos.</p> <p>Quanto à proporção de pessoas trabalhando, Campinas se posiciona como a 7º de outras 645 cidades do Estado de São Paulo.</p> <p>O rendimento está em 50º lugar, dentre todos os municípios do estado.</p> <p>---</p> <p>OFF 6 O ranking dos maiores PIBs no estado de São</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo/Take	Câmera Efeitos (sugestões)	VÍDEO (imagens de apoio) takes com <i>sugestão</i> de tempo	ÁUDIO OFF e Sonoras
			Paulo nos mostra que São Paulo lidera com 748,8 bilhões de reais, seguido por Osasco com 76,3 bilhões, Guarulhos com 65,8 bilhões e Campinas com 65,4 bilhões, ocupando o 4º lugar. A posição de Campinas é um indicativo positivo de seu papel significativo na economia do estado.
x	x	Cena 2	
		Captação da cidade - movimentação Infográfico 3 anexovideo4 - 1'00" - 1'17"	OFF 7 Em 2023, os haitianos foram o segundo maior contingente de imigrantes em Campinas, chegando a 1561, do total de 14.449 imigrantes na cidade. A Colombia se posiciona em 1º lugar enquanto a venezuela em 3º.
x	x	PARTE FINAL	
			OFF 8 Os dados indicam que a população haitiana é a que mais enfrenta problemas socioeconômicos na

INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira			
Tempo/Take	Câmera Efeitos (sugestões)	VÍDEO (imagens de apoio) takes com <i>sugestão</i> de tempo	ÁUDIO OFF e Sonoras
		GC Acácio Costa, 44 anos, Brasileiro Reverendo Pastor da Igreja Tocoísta no Brasil. Membro do conselho da ONG de imigrantes haitianos em Campinas	cidade, por isso, é importante explorarmos diversos aspectos desse fluxo migratório. Sonora Acácio Costa 04'31" (a primeira) - 05'1" (haitianas) 05'23" (e também) - 05'44" (do haitiano)

Episódio 2

Screenwriter: Clara Prado

Time: 00:10:00

- **Título do episódio:** Barreiras Invisíveis
- **Pasta com decupagens:**
https://docs.google.com/document/d/1I69SEE6RnmyULRcE4iR4AseQS_a33rEppGgckIQMDn4E/edit
- **Personagens e fontes (nome de todos que participarão neste episódio):**
 Rousseau Fleurian - Personagem Haitiano
 Herlie Fleurian - Personagem Haitiano

Heberto - Personagem Haitiano

Juliana - Fonte especialista

Jacqueline Damazio - Fonte oficial

Valentina Placid - Personagem haitiano

Oreste Brice - Personagem haitiano

Charles Guenard - Personagem haitiano

INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira			
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
x	x	Cena 1	
		<p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1-EAL31QkH8SNUapoc2v3rwX5Kn9B_omr Entrevista.Rosseau.Herlie1</p> <p>MINUTAGEM VÍDEO: 05:40 - 05:43</p> <p>Infográfico 4</p>	<p>Sonora Rousseau "07:06" (Você sabe o que) "07:10" (mas se não sabe)</p> <p>OFF do Infográfico 4: Campinas é a terceira cidade com maior número de haitianos em São Paulo, atrás somente de São Paulo e Sorocaba.https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1cy8VAtSnFaL9lsWU9JineH5j1oeQ5aQYoff1</p> <p>De acordo com o Observatório das Migrações Internacionais, o ano</p>

		INTERPROGRAMA – Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
01:30		<p>Infográfico 5 Números surgem na tela: Até abril de 2023, foram 114 haitianos atendidos pelo Serviço de Referência ao Imigrante e Apátrida. <i>Haitianos são os que mais demandam assistência.</i></p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1-EAL31QkH8SNUapoc2v3rwX5Kn9B_omr Entrevista.Rosseau.Herlie1 MINUTAGEM DO VÍDEO: 05:40 - 06:16</p>	<p>em que chegou o maior contingente de haitianos em Campinas foi em 2019, com um total de 297 haitianos.</p> <p>OFF: Os imigrantes haitianos são os que mais demandam assistência na cidade de Campinas. Até abril de 2023, foram 114 haitianos atendidos pelo Serviço de Referência ao Imigrante e Apátrida.https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1cy8VAAtSnFaL9lswU9JineH5j1oeQ5aQYoff2</p> <p>SOBE SOM VINHETA</p> <p>Sonora Rousseau: “07:10”(Tem a língua) “7:44”(para você ficar né)</p>
01:30		<p>GC Orestre Brice, 45 anos, Haitiano. Colaborador</p>	<p>Sonora Orestre: ‘02:18’(No início foi) “02:42”(por aí, vai.)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
01:30		https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1xXzd9VLBDUI8H5DWhICKYCgDhZy6A3li Oreste.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 01:47 - 02:09	Sonora Valentina: “02:06”(Não, eu não falava) “02:20”(aprendi um pouquinho)
01:30		GC Valentina Placid, 31 anos, Haitiana. Casada, 5 filhos. Faxineira	
01:30		https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1RbwL0VicDL7ob4ggFlpEnADOKSpsH3Z1 Entrevista.Valentina.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 02:03 - 02:17	OFF: A integração dos haitianos ao Brasil é um desafio multifacetado. Entre os principais obstáculos, destacam-se as barreiras linguísticas, as diferenças culturais, as dificuldades em encontrar oportunidades de emprego qualificadas e o racismo estrutural. https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1cy8VAAtSnFaL9lsWU9JineH5j1oeQ5aQY
01:30		Sugestão imagem de apoio: Imagens do rosto do haitiano de frente, de lado e andando. Pegar umas 3 ou 4 personagens e a próxima fonte, ou seja, Jacqueline. https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOV_u36pnx9uWug_tHnlkjPT1VTdOmZa https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1ZqoxY5Hq4Bkc0hspilzTDZMAKAZ_I-IH https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1dvNOcCb8qmv8l6ytEp2NyRMe3649K11Y https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Di6XXuSO-2Gd3dvB3bLGNc_2jn4_zSTG	
01:30			

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
01:30		<p>GC Jacqueline Damazio, 54 anos. Gestora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa.</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1r5Tz4OM8tKEHmokSX-Q0c5gaZUQ-vjCn Jacqueline2.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 08:10 - 08:55*</p>	<p>Sonora Jacqueline: "11:30"(Eu acho que a primeira) "12:37"(algo nessas condições)</p>
01:30		<p>GC, 38 anos, Haitiano. Solteiro. Oficial de manutenção</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Zy9Oof3n6YMpJntqGw8O7SEMYQ7X5H6v 2º Bloco - Charles MINUTAGEM VÍDEO: 09:50 - 11:35*</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1XnkFgtw2U-q8DbJ3ZJ1P3I75dVAouCQE Acácio1.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 05:57 - 6:19</p> <p>*MINUTAGEM VÍDEO: 07:19 - 07:55*</p>	<p>Sonora Charles: "09:39"(O primeiro emprego) "09:44"(empresa terceirizada)</p> <p>"10:13"(Lá dentro do SESC) "10:35"(missão em paz.)</p> <p>"10:50"(Fui procurar outro emprego) "11:14"(todo mundo da rua)</p> <p>"11:30" (Mas antigamente) "11:34"(ficou tranquilo)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Zy9Oof3n6YmpJntqGw8O7SEMYQ7X5H6v 2º Bloco - Charles</p> <p>MINUTAGEM VÍDEO: 13:05 - 13:30</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/11vQexbU8gArXiTaXFZRzSTEKPGhLZ7sv</p> <p>Omar2.MOV</p> <p>MINUTAGEM VÍDEO: 10:02 - 10:40</p>	<p>Sonora Acácio:</p> <p>“5:56”(Nós recebemos muitas)</p> <p>“06:17” (vezes documentos)</p> <p>“08:30”(Nós temos nessa questão)</p> <p>“09:03”(cortes sobre a cabeça.)</p> <p>“09:14”(Nós já recebemos denúncia de pessoas)</p> <p>“09:27”(cidade de Campinas)</p> <p>Sonora Charles:</p> <p>“12:57”(Eu sofri racismo)</p> <p>“13:18”(trabalhar eu falei dessa forma)</p> <p>Sonora Omar:</p> <p>“10:45”(Se vocês forem olhar)</p> <p>“11:21” (sempre trabalhando)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>MINUTAGEM VÍDEO: 13:29 - 14:14</p> <p>Sugestão imagem de apoio: Imagens de campinas, do taquaral, do centro, do centro cultural, da Jacqueline andando ou ostrando um livro sobre escravdão. https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Di6XXuSO-2Gd3dvB3bLGnc_2jn4_zSTG https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1dvNOcCb8qmv8l6ytFp2NyRMe3649K11Y</p>	<p>OFF: Em termos de empregabilidade, os haitianos são expressivos em Campinas: 429 empregados em 2021. 409 no mês 07 de 2022 (foram calculados com base nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), ano-base 2021, atualizados com os saldos de movimentação do Novo CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1cy8VAAtSnFaL9lswU9JineH5j1oeQ5aQY off 5</p> <p>Sonora Charles: “13:20”(eu trabalho de segunda) “14:05”(eu tenho aqui para trabalhar)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1CZRMzdS5Xq1BTj_2-IYNmeZmeR21tXeP</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1r5Tz4OM8tKEHmokSX-Q0c5gaZUQ-vjCn 2º Bloco - Jacqueline.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 09:30 - 09:51 MINUTAGEM VÍDEO: 10:08 - 10:35</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Zy9Oof3n6YmpJntqGw8O7SEMYQ7X5H6v 2º Bloco - Charles MINUTAGEM VÍDEO: 14:18 - 14:58</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1RybbOJeIKMys5r8fPZVDYrA1u9d2dwRf Juliana1.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 01:16 - 01:28 MINUTAGEM VÍDEO: 03:30 - 03:43</p>	<p>OFF A cidade de Campinas tem um passado marcado pelas crueldades cometidas contra os negros escravizados. Apesar de ser lembrada como a última cidade a abolir a escravidão, a realidade histórica é mais complexa do que isso. Jacqueline Damazio nos oferece uma explicação sobre esse período e a origem da reputação da cidade. https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1cy8VAtnFaL9lswU9JineH5j1oeQ5aQY off 4</p> <p>Sonora Jacqueline: "12:50" (Eu sempre aproveito) "13:12" (cruel com seus escravizados) "13:30" (Aqui era a Bastilha negra) "13:56" (para esse escravizado)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1-EAL31QkH8SNUapoc2v3rwX5Kn9B_o_mr Entrevista.Rosseau.Herlie1.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 17:55 - 18:02	Sonora Charles: “14:10”(No mercado que eu trabalhava) “14:48”(eu passei em branco)
		https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1dQ2hIH64BMBvD7sVNe5jzva7cghlwW-S DSC_0026.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 10:14 - 10:31 MINUTAGEM VÍDEO: 10:55 - 11:17 MINUTAGEM VÍDEO: 11:34 - 12:22	Sonora Juliana Ribeiro: “02:07”(os imigrantes não brancos) “02:15”(eles são desqualificados.) “04:17”(A Dijamila Ribeiro) “04:29”(vistos como violáveis)
			Sonora Rousseau: “19:24”(eu nunca contei) “19:29”(nunca contei isso aqui, entendeu)
		https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1-EAL31QkH8SNUapoc2v3rwX5Kn9B_o_mr Entrevista.Rosseau.Herlie1.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 18:08 - 18:49	Sonora Heberto: “10:19”(foi lá no Cambuí) “10:36”(pensar um jeito diferente)

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>MINUTAGEM VÍDEO: 15:37 - 16:21</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1xXzd9VLBDUI8H5DWhlCKYCgDhZy6A3li Oreste.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 03:04 - 03:42</p> <p>https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Zy9Oof3n6YMpJntqGw8O7SEMYQ7X5H6v 3º Bloco - Charles.MOV MINUTAGEM VÍDEO: 11:31 - 12:56</p>	<p>“11:00” (Se a pessoa acha que) “11:22”(quando tem experiência.) “11:38” (No meu caso, não tenho preconceito) “12:30”(um mundo é melhor.)</p> <p>Sonora Rousseau: “19:30”(O meu amigo isso ”20:17”(bloqueou o acesso dele)</p> <p>Sonora Herlie “17:14” (eu sempre falo para) “17:59” (vou ter nada nada mesmo)</p> <p>Sonora Oreste: “03:36”(se você tem cabeça) “04:14”(sou um homem pronto)</p>

INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira			
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
			Sonora Charles: "30:55"(Porque na cabeça deles) "32:20"(no churrasco na festa)

Episódio 3

Screenwriter: Brener Pompeo

Time: 00:10:00

- **Título do episódio:** Além da Sobrevivência
- **Pasta com decupagens:**
https://docs.google.com/document/d/1qTBNsctfyfjzACPubA8t_NoplcaVnAicw2H4QiAzFU/edit?usp=sharing
- **Personagens e fontes (nome de todos que participarão neste episódio):**
 Acácio Costa - Fonte Oficial
 Juliana Ribeiro - Fonte especialista
 Denise Cogo - Fonte especialista
 Jacqueline Damazio - Fonte oficial
 Omar Ribeiro Thomaz - Fonte especialista
 Herlie Fleurian - Fonte Personagem
 Guernaud Charles - Fonte Personagem

		INTERPROGRAMA – Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
x	x	Cena 1	
		<p>3. Bloco - Charles (11'30" 11'45")</p> <p>TRILHA DE INTRODUÇÃO - CHALES.wav</p> <p>tempo da trilha 00'15 - exatamente o mesmo tempo da fala do Charles</p> <p>2º TRILHA SONORA</p> <ol style="list-style-type: none"> Vídeo: 1º VÍDEO - OFF 1 - 00'12 à 00'15 Vídeo: 2º VÍDEO - OFF 1 - 00'01 à 00'03 Vídeo: 3º VÍDEO - OFF 1 - FALA "ORIGEM" Vídeo: 4º VÍDEO - OFF 1 - FALA "COR" Vídeo: 5º VÍDEO - OFF 1 - FALA "RELIGIÃO" <p>6º VÍDEO - OFF 1 - "Era o que se esperava"</p> <p>GC Jacqueline Damazio Armando Gestora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e</p>	<p>Sonora Guernaud - Abertura:</p> <p>30'55" (Na cabeça deles) - 31'10" (Do trabalho para casa)</p> <p>Vinheta - Sobe som</p> <p>1 OFF: O Brasil se orgulha de ser o "País para todos", independentemente de sua origem, cor ou religião.</p> <p>Era o que se esperava quando os haitianos chegaram, buscando uma nova vida em solo brasileiro.</p> <p>Jacqueline - Sonora 1:</p>

		INTERPROGRAMA – Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa Professora da redes pública de Campinas 2º TRILHA SONORA</p> <p>GC - Juliana Ribeiro Pós Doutoranda em demografia - Unicamp. Pesquisadora do Observatório das migrações em São Paulo 2º TRILHA SONORA</p> <p>GC Jacqueline Damazio Armando Gestora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa Professora da redes pública de Campinas</p>	<p>3º Bloco - Jacqueline (01'07"01'21") - 02'07" (Para esses nossos) - 02'21" (práticas racistas.)</p> <p>3º Bloco - Jacqueline (01'26"01'37") - 02'25" (Então, eles acham) - 02'37" (isso não é real)</p> <p>Juliana - Sonora: 2º Bloco - Juliana (12'57"13'30) - 13'45" (Então isso é muito claro) - 14'16" (por exemplo)</p> <p>14'17" (Então, é isso) - 14'30" (migrações Sul-Sul.)</p> <p>14'42" (São encarados) - 15'03" (haitiano ou haitiana.)</p> <p>Juliana - 10s de imagem de apoio apenas com a trilha sonora</p> <p>Jacqueline- Sonora 2: 3º Bloco - Jacqueline (00'53"01'07") - 01'51" (A gente também tem) -</p>

		INTERPROGRAMA – Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>TRILHA SONORA - Shopping In Paris-JP</p> <p>GC Denise Cogo Doutora em Ciências da Comunicação Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing)</p> <p>TRILHA SONORA - Shopping In Paris-JP</p> <p>GC Denise Cogo Doutora em Ciências da Comunicação Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing)</p> <p>GC Charles Guernaud, 38 anos, Haitiano. Solteiro, 1 filho. Eletricista e autônomo.</p> <p>TRILHA SONORA - Shopping In Paris-JP</p>	<p>02'05" (sabemos que é falsa, né?)</p> <p>Denise Cogo - Sonora 1:</p> <p>Entrevista. Denise1 - 00'32" (A mídia tratou) - 00'43" (sociedade brasileira)</p> <p>Denise Cogo - Sonora 2:</p> <p>Entrevista. Denise1 - 03'34" (Os migrantes enfrentaram) - 03'53" (próprias redes sociais)</p> <p>Guernaud - Sonora 2:</p> <p>3º Bloco - Charles -12'18"12'34</p> <p>31'41" (Me convidam para ir) - 31'59" (tapa ou fumo sou eu)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
			<p>3º Bloco - Charles - 12'40"12'50</p> <p>32'04" (Quem está errado) - 32'14" (confusão com ninguém)</p> <p>3º Bloco - Charles - 13'22"13'37</p> <p>32'47" (Então se eu estava) - 33'06" (Já faz tempo, entendeu?)</p>
x	x	Cena 2	
		<p>GC <i>Omar Ribeiro Thomaz</i> <i>Doutor em Antropologia pela USP -</i> <i>Professor de Antropologia - Unicamp</i></p> <p>TRILHA SONORA</p>	<p>Anexo reportagem</p> <p>OFF: É raro vermos haitianos em situação de rua, pois eles lutam por sua dignidade pessoal e se esforçam no trabalho, muitas vezes com o sonho de trazer suas famílias que ficaram no Haiti.</p> <p>Omar - Sonora 1: Omar1.MOV - 02'35"04'01</p> <p>22'55" (Em termos de políticas) - 23'15" (anti-racista)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>06'19"32' - incluir a seguinte imagem de apoio</p> <p>GC <i>Acácio Costa, 44 anos, Brasileiro Reverendo Pastor da Igreja Tocoísta no Brasil. Membro do conselho da ONG de imigrantes haitianos em Campinas</i></p> <p>TRILHA SONORA - The Revolution Is Here-JP</p> <p>GC <i>Charles Guernaud, 38 anos, Haitiano. Solteiro, 1 filho.</i></p>	<p>23'17" (Os haitianos) - 23'38" (pauta anti-racista)</p> <p>23'42" (Você falou uma) - 23'48" (vocês forem conversar)</p> <p>23'56" (Os haitianos vão) - 24'07" (falta de autoestima)</p> <p>24'08" (Todos eles têm) - 24'21" (orgulho do Haiti)</p> <p>Acácio - Sonora 1: Acácio1.Mov - 06'52"07"08</p> <p>06'50" (Hoje eles têm algumas empresas) - 07'07" (haitianos para haitianos)</p> <p>Acácio1.Mov - 16'10"16"20</p> <p>16'01" (No intuito de termos) - 16'19" (os seus familiares ao Brasil)</p> <p>Guernaud - Sonora 3:</p>

		INTERPROGRAMA – Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p><i>Eletricista e autônomo.</i></p> <p>TRILHA SONORA - The Revolution Is Here-JP</p> <p>GC <i>Jacqueline Damazio Armando</i> <i>Gestora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa</i> <i>Professora da rede pública de Campinas</i> TRILHA SONORA</p> <p>GC <i>Denise Cogo</i> <i>Doutora em Ciências da Comunicação</i> <i>Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing)</i> TRILHA SONORA</p> <p>GC <i>Acácio Costa, 44 anos, Brasileiro</i> <i>Reverendo Pastor da Igreja Tocoísta no Brasil. Membro do conselho da ONG de imigrantes haitianos em Campinas</i></p>	<p>1ºBloco - Chales (03'09"03'29)</p> <p>03'06" (E a vida daqui) - 03'17" (aqui em Campinas)</p> <p>Jacqueline - Sonora 3:</p> <p>1ºBloco - Jacqueline (6'25"6'47)</p> <p>46'53" (Nós ganhamos com esse) - 47'17" (vieram de outros países.)</p> <p>Denise Cogo - Sonora 3:</p> <p>Entrevista. Denise1 -</p> <p>03'06" (São cidadãos que chegam) - 03'29" (sobre os seus países)</p> <p>Acácio - Sonora 2:</p> <p>Acácio1.Mov (17'46"18'07)</p> <p>17'45" (Alimentos que nós) - 18'06" (eles têm costumes caribenhos)</p>

		INTERPROGRAMA – Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>GC Jacqueline Damazio Armando Gestora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa Professora da redes pública de Campinas</p> <p>GC Omar Ribeiro Thomaz Doutor em Antropologia pela USP - Professor de Antropologia - Unicamp</p> <p>GC Denise Cogo Doutora em Ciências da Comunicação Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em</p>	<p>Acácio1.Mov (16'42"16'53)</p> <p>16'40" (Nós temos um projeto) - 16'53" (clube de haitiano)</p> <p>Jacqueline - Sonora 4: 1ºBloco - Jacqueline (5'19"5'22)</p> <p>45'49" (Então o que que é ser) - 45'52" (vindo do Haiti?)</p> <p>1ºBloco - Jacqueline (5'29"6'02)</p> <p>46'00" (Esse olhar é um olhar) - 46'32" (padrão que elas tinham.)</p> <p>Omar - Sonora 2: Omar1.Mov (1'34"2'27)</p> <p>21'53" (A primeira coisa que eu diria) - 22'46" (formação dessas pessoas)</p> <p>Denise Cogo - Sonora 4: Entrevista. Denise1 - 02'33" (Então, se a</p>

		INTERPROGRAMA – Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		<p>Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing)</p> <p>GC Jacqueline Damazio Armando Gestora do Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo e Discriminação Religiosa Professora da redes pública de Campinas</p>	<p>mídia constrói) - 03'02" (relação mais normalizada)</p> <p>Jacqueline- Sonora 5: 1ºBloco - Jacqueline (6'48"7'08) 47'17" (Então, que a gente entenda) - 47'43" (romper com esses vínculos)</p>
x	x	PARTE FINAL	
			<p>7 OFF: O que nos surpreende e inspira é a capacidade de superação e de luta da população haitiana, que se adapta e se valoriza em meio às dificuldades.</p> <p>Herlie - Sonora: Entrevista.Rosseau.Herlie1.Mov (15'22"16'20) 16'58" (Então, para mim, também) - 17'58" (vou ter nada, nada mesmo)</p>

		INTERPROGRAMA - Racismo por trás da fronteira	
Tempo	Enquadramento Jogos de câmera	VÍDEO (imagens de apoio)	ÁUDIO
		GC <i>Herlie Fleurian, 32 anos, Haitiana.</i> <i>Casada, 1 filho.</i> <i>Faturista</i>	

ANEXO VI

ANEXO VI
AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, HERBERTO DESIR.....
(nome)

HOITANA....., CASADO....., RG 027650-8.....
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Prefeita Celso Daniel, 391
(rua ou avenida e número)

CDHU SAN MARTIN CAMPINAS SP..... 13069079
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

Autorizo, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 03 de 09..... de 2023

.....
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, DENISE MARIA COGO.....
(nome)

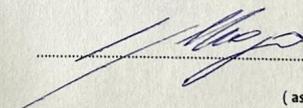
BRASILEIRA....., RG 7016511797
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à R. DOMINGOS OSVALDO BATAGLIA, 136
(rua ou avenida e número)

MIRANDÓPOLIS SÃO PAULO SP 08051-090
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 11 de NOVENO de 2023


.....
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Acácio Costa,
(nome)

Brasileiro, Divorciado, RG 303850255
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Nicolau de Cillo, 33
(rua ou avenida e número)

Jardim Morada do Sol Capivari Sp 13360530
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 11 de Novembro de 2023

DocuSigned by:
Acácio Costa

(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Jacqueline Damazio,
(nome)

brasileira, separada, RG 18171593
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua das violetas, 246
(rua ou avenida e número)

Vila Mimosas Campinas SP 13050063
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, ²³..... de novembro de 20....²³

DocuSigned by:
Jacqueline Damazio
.....XCEFB0CADD58841D.....

(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Omar Ribeiro Thomaz,
(nome)

brasileiro, solteiro, RG 170122876
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à rua condessa do pinhal, 700
(rua ou avenida e número)

cidade universitária Campinas são paulo 13083-280
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas,²⁶ de novembro de 20.23

DocuSigned by:

Omar Ribeiro Thomaz

(assinatura)

ANEXO VI
AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

EU, Herlie Fleurian,
(nome)
.....,, RG G403928-U
(Nacionalidade) (Estado Civil)
residente e domiciliado à Rua Gaturano
92
(rua ou avenida e número)
Padre Manoel da Nóbrega Campinas SP 13061225
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, ..27.... de~~Novembro~~..... de 20..23

DocuSigned by:
Herlie
63391690FBE44DC...
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, GUERNAUD CHARLES,
(nome)

HAITIANA, SOLTEIRO, RG V754894U
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à AVENIDA DIOGO ÁLVARES, 1192
(rua ou avenida e número)

PQ SÃO QUIRINO/ CAMPINAS/SP/ 13088-221
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 27 de NOVEMBRO de 2023


.....
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Rousseau TUNIS
.....
(nome)

Haitiana Casado RG 6061423-0
.....
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Gaturano, 92
.....
(rua ou avenida e número)

VL. Padre Manoel Antônio Sobrega SP 13061225
.....
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 27 de Setembro de 20.... de 20....²³

DocuSigned by:
Rousseau TUNIS
.....
(assinatura)

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

(menores de idade)

Eu, ORESTE ST BRICE.....
(nome)

....., RG 754898M
(Nacionalidade)

residente e domiciliado à RUA JERONIMO #59
(rua ou avenida e número)

MATÃO, SUMARÉ, SAO PAULO.....
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP),

responsável por.....
(nome)

....., RG.....
(Nacionalidade)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens da criança ou do adolescente acima indicado, editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 22 de OUTUBRO de 2023

Oreste St Brice

(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Juliana Corvelho Ribeiro.....
(nome)

Brasileira....., Casada....., RG MG 11566-684
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Benito Giuseppe, 407/apto 8
(rua ou avenida e número)

mpva. Jardim Atibaia....., SP....., 12946-410.....
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, a **ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 22 de setembro de 2023

.....
(assinatura)

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO FACULDADE
DE JORNALISMO**

BRENER POMPÊO

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA
A REPRESENTAÇÃO SOCIOMIDIÁTICA DA IMIGRAÇÃO
HAITIANA NO BRASIL: O PAPEL DO "GRINGO" NAS
NARRATIVAS MIGRATÓRIAS**

CAMPINAS

2023

BRENER POMPÊO

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA
A REPRESENTAÇÃO SOCIOMIDIÁTICA DA IMIGRAÇÃO
HAITIANA NO BRASIL: O PAPEL DO "GRINGO" NAS
NARRATIVAS MIGRATÓRIAS

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina **METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO** da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão

PUC-CAMPINAS

2023

Introdução

No contexto da imigração haitiana para o Brasil, manifesta-se um fenômeno discriminatório que merece atenção: o xenoracismo, uma combinação de racismo e

xenofobia. Este estudo busca contextualizar e compreender essa prática discriminatória e usá-la como fio condutor para analisar as complexas dinâmicas sociais que envolvem a representação sociomidiática dos haitianos no país.

Neste cenário, a delimitação do tema desta pesquisa consiste em compreender o xenoracismo na realidade haitiana e o que o conceito da terminologia “gringo” tem a ver com isso no território brasileiro. O problema central é analisar como as percepções sociais sobre os haitianos são moldadas pela forma que a mídia veicula atitudes xenoraciais em suas reportagens, influenciando a integração dos haitianos no Brasil, e levando a uma representação estigmatizada e marginalizada.

Além disso, o estudo objetiva examinar como os marcadores sociais de “gringos” e “não-gringos” afetam a recepção de diferentes tipos de estrangeiros no território brasileiro. O objetivo final é contribuir para uma análise aprofundada das dinâmicas sociais e migratórias, destacando os preconceitos e os desafios enfrentados pela imigração haitiana em relação à imigração de indivíduos de origem étnica branca.

A justificativa deste estudo reside na necessidade urgente de entender as complexas dinâmicas sociais que influenciam a recepção de migrantes no Brasil, especialmente os haitianos, promovendo uma integração mais justa e equitativa. A partir disso, a metodologia utilizada no estudo em questão baseia-se na revisão bibliográfica com intuito de analisar a representação sociomidiática da população haitiana no território brasileiro.

Dessa forma, segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021) a revisão bibliográfica consiste na coleta, seleção, fichamento e arquivamento de informações pertinentes à pesquisa, obtidas a partir dos seguintes acervos: livros, artigos científicos, teses, dissertações, revistas e outras fontes escritas publicadas previamente.

A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie do domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever sobre o que estudou, se dedicar ao estudo

para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p. 3).

Ademais, os autores argumentam que a pesquisa bibliográfica não se limita a reproduzir o que já foi expresso ou registrado sobre determinado assunto, mas possibilita o estudo de um tema sob uma nova perspectiva ou abordagem, alcançando conclusões originais.

Nesse sentido, Silva (2017) reflete a relevância de revisitar a função dos meios de comunicação. A autora argumenta que os meios de comunicação desempenham um papel central na manutenção do poder e na perpetuação da dominação branca, pois eles reproduzem o sistema global de racismo. Tal fenômeno ocorre em virtude de os veículos noticiosos serem produzidos, financiados e controlados, na sua maioria, por representantes das “elites” sociais, que são predominantemente de origem branca.

Tópicos da revisão bibliográfica

O fenômeno do xenoracismo na migração haitiana

De acordo com Faustino e Oliveira (2021, p.3), o termo xenoracismo ou xenofobia racializada, surgiu no início dos anos 2000 pelo escritor e ativista cingalês e diretor emérito do *Institute of Race Relations*⁹ de Londres, Ambalavaner Sivanandan (1932-2018)¹⁰. O cingalês propôs o termo com o intuito de buscar o entendimento a respeito das mecânicas modernas da sociedade capitalista britânica diante do fenômeno da migração.

Segundo Sivanandan (2001), o xenoracismo é uma forma de discriminação que afeta tanto migrantes de origem africana ou afrodescendente quanto brancos

⁹ O Instituto de Relações Raciais (IRR) foi estabelecido como uma instituição de caridade educacional independente em 1958 para realizar pesquisas, publicar e coletar recursos sobre relações raciais em todo o mundo. Em 1972, os membros do IRR apoiaram o pessoal numa transformação radical da organização, de uma instituição acadêmica orientada para políticas, num 'grupo de reflexão' anti-racista. Disponível em: <https://irr.org.uk/about/>. Acesso em: 29 out. 2023

¹⁰ Ambalavaner Sivanandan é um romancista do Sri Lanka e diretor emérito do Instituto de Relações Raciais, uma instituição de caridade educacional independente com sede em Londres. Em 1974 foi nomeado editor da revista Race do IRR, que foi renomeada Race & Class. Sob sua direção, Race & Class tornou-se o principal jornal internacional de língua inglesa sobre racismo e imperialismo. Disponível em: <https://irr.org.uk/person/siva/>. Acesso em: 29 out. 2023

pobres, sem que haja um “código de cores”¹¹. Essa forma de discriminação combina o racismo, que julga as pessoas pela cor da pele ou pela etnia, com a xenofobia, que rejeita os estrangeiros ou os considera inferiores. O xenoracismo traz todas as marcas do antigo racismo, mas é passado como xenofobia, um medo “natural” de estranhos. É racismo em substância, mas “xeno” em forma. É um racismo atribuído a estranhos empobrecidos, mesmo que sejam brancos.

Para ilustrar a afirmação de Sivanandan (2001), faz-se necessário trazer as contribuições de Nascimento (2006, p.3), no qual exemplifica, de maneira verossímil ao contexto migratório xeno-racial, como as desigualdades raciais perpetradas pelo “sistema branco”¹² se manifestam no contexto brasileiro, referindo-se neste caso à “branquitude”¹³.

O autor, com base nas obras de Racionais MC’s¹⁴, especificamente em seus álbuns “*Sobrevivendo no Inferno*” (1999) e “*Nada como um dia após o outro*” (2003), Nascimento (2006) apresenta uma compreensão mais ampla e empírica dos

¹¹ Nesse contexto, código de cores, refere-se à maneira como as características físicas, como a cor da pele, são usadas para classificar e diferenciar os indivíduos em grupos raciais, ou seja, marcadores sociais. Os indivíduos classificados como brancos são geralmente descendentes de europeus, enquanto aqueles classificados como pretos são tipicamente descendentes de africanos. A categoria amarela é frequentemente usada para se referir a descendentes de asiáticos, como japoneses, chineses ou coreanos. A categoria parda, por outro lado, é comumente usada para descrever indivíduos que são frutos da miscigenação dessas etnias. Disponível em: [Censo 2022: entenda como declarar a sua raça | Radioagência Nacional \(ebc.com.br\)](https://www.ebc.com.br/brasil/2022/09/entenda-como-declarar-a-sua-raça)

¹² Neste caso, ao referir-se ao “sistema-branco”, pode-se entender que Nascimento (2006) faz alusão ao termo branquitude, descrito por (Moreira, 2014 ,p. 6), conceito utilizado para dar nome às práticas realizadas por portadores da brancura com o objetivo de manter o privilégio que o branco possui nas sociedades estruturadas pela hierarquia racial. Através de práticas que justificam e consolidam a vantagem estrutural, o branco assume a postura de ser humano ideal e cria condições para que o status seja mantido. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/151>. Acesso em 21 out. 2023

¹³ Branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/146/144>. Acesso em 21 out. 2023

¹⁴ Branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/146/144>. Acesso em 21 out. 2023

mecanismos do capitalismo que constroem barreiras de acesso por meio das desigualdades sociais, ultrapassando as fronteiras raciais e étnicas.

[...] no RAP dos Racionais o embate já migrou, o inimigo não é mais o sujeito branco – embora ele possa aparecer assim em diversas situações – mas sim o “sistema branco” capitalista que empurra para os guetos urbanos toda uma série de pessoas que poderiam ser definidas, inclusive, como “os brancos quase pretos de tão pobres”, tão poeticamente pintados por Caetano Veloso e Gilberto Gil no Rap-lamento “Haiti”. Mesmo sabendo que o fato de possuir a pele escura ser um agravante ao problema da estigmatização[...] (Nascimento, 2006, p. 3).

No entanto, Nascimento (2006), ao evocar o trecho da música “Haiti”, elucida que para o branco quase se equiparar à condição de ser negro, ele teria que estar em uma condição de extrema pobreza. A partir disso, o autor reconhece a cor da pele como um marcador, potencializador de violências e subjugações sociais executadas pelo tal “sistema branco”, visto as estigmatizações sofridas pela população negra no território brasileiro.

Dito isso, Gebrim (2018, p.180) aborda a percepção empírica da angústia psicológica vivenciada por imigrantes africanos ao chegarem ao Brasil e se perceberem como negros, ou seja, seres racializados. Afinal, eles vieram de um país majoritariamente negro, portanto, não tinham experiência de racismo em seu cotidiano. De maneira semelhante, Carneiro (2018) e Oliveira (2019, p.193) destacam o impacto significativo que a cor da pele do imigrante tem sobre o tratamento dado a estudantes de origem africana, caribenha ou andina.

Os autores demonstram que na realidade brasileira a máxima estabelecida por Sivanandam, no qual, argumenta que o xenoracismo não é “codificado por cores”, não se sustenta. Nessa mesma linha, é pertinente apresentar a perspectiva de Mattos (2016) acerca dos comportamentos perpetrados pela sociedade a respeito das migrações afro-diaspóricas:

O conceito de xenofobia é “aversão ao estrangeiro”, não havendo, para sua caracterização, a necessidade de nenhum outro elemento de cor, língua, ou especificação quanto ao país de origem. No

entanto, basta uma observação simplória do assunto para se perceber que as ofensas contra estrangeiros noticiadas, em sua grande maioria, são perpetradas contra imigrantes negros vindos do continente africano ou do Haiti (Mattos, 2016, p. 29).

Wedderburn (2007) contribui para a temática pontuando que, desde 2002, quando o Brasil começou a implementar políticas de ação afirmativa em suas universidades, houve uma resignificação do racismo. Essa nova roupagem visava adaptar o racismo à outra realidade, preservando os privilégios historicamente concedidos pela discriminação racial ao sistema-branco, ou seja, a branquitude

Isso se alinha com as observações de Hernández (et al. 2017, p. 14) sobre como o racismo se manifesta na América Latina, destacando a omissão no modo de lidar com o tema no Brasil, impulsionada pela falácia da democracia racial. Tal ato contribui para a consolidação do racismo estrutural, que se manifesta de maneira sutil, negando sua própria existência, resultando em várias manifestações racistas nos meios de comunicação.

Nesse contexto, surgiu o que Wedderburn (2007) chama de “neoracismo”, uma forma de discriminação caracterizada por marcas distintivas, todas convergindo para prejudicar os migrantes negros.

A desmistificação do mito-ideologia da “democracia racial”, outras correntes de neoracismo surgem no Brasil a partir dos anos da década de 2000, período em que, pela primeira vez, o próprio Estado brasileiro manifesta publicamente sua preocupação diante do crescente quadro de desigualdades sociorraciais. Assim, existe uma tendência crescente para trivializar o racismo, seja relegando-o à esfera puramente das relações interpessoais, seja reduzindo-o ao plano de meros preconceitos que “todo o mundo tem” (Wedderburn, 2007, p. 16).

Wedderburn (2007) argumenta que a banalização do racismo é uma estratégia para normalizar as disparidades sociais entre grupos raciais, sugerindo que a sociedade está bem. Aqueles que discordam são rotulados como “revoltados” ou “racistas reversos”. Eles são vistos como ameaças à branquitude, justificando

ações de repressão para manter os privilégios dos brancos. Esse processo leva à aceitação e expansão do racismo.

A partir disso, as noções de Fanon (1968) são imprescindíveis para compreender como a noção de raça é centralizada exclusivamente na cor da pele, resultando na subordinação do negro ao branco. Isso ganha relevância quando se considera a interação da sociedade brasileira com a presença dos migrantes haitianos, que enfrentam uma situação que converge com o neorracismo proposto por Wedderburn (2007), bem como com o xenoracismo cunhado por Sivanandan (2001).

Entretanto, levando em consideração o código racial como algo substancial e determinante, entendemos que as discriminações não são direcionadas a estrangeiros brancos. Isso contradiz as afirmações de Sivanandan (2001) acerca da temática xenoracial, pelo menos no contexto brasileiro, no qual ele argumenta que o fenômeno em questão não apresenta um “código de cores”.

O "gringo" e o “não-gringo” como marcadores sociais na sociedade brasileira

A respeito das dinâmicas migratórias presentes na sociedade brasileira, pode-se levar em conta os conceitos de “gringo”¹⁵ e “não-gringo” como marcadores sociais¹⁶, conforme abordado por Blanchette (2002). O autor revela a complexidade das interações sociais entre o acolhimento brasileiro e os estrangeiros. Nesse sentido, destaca-se como a percepção e inclusão dos migrantes estão longe de serem proporcionais.

¹⁵ Primariamente, o sentido da palavra “gringo” está na dependência do contexto em que ela é empregada. Na sua base, ela quer dizer “estrangeiro” - qualquer estrangeiro - mas nem todos os estrangeiros são igualmente gringos. Em primeiro lugar, “gringo” é um marcador identitário referente à linguagem falada. As teorias relativas à etimologia da palavra são bastante diversas. Em Sobrados e Mucambos, (Freyre, 1936: 460), Gilberto Freyre teoriza que a palavra originalmente foi utilizada no Brasil Colonial como rótulo para mascates ciganos, vendedores itinerantes de escravos. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/853/792>. Acesso em: 19 out. 2023

¹⁶ Os Marcadores Sociais são definidos por características diversas que compõem cada indivíduo, como: gênero, região, religião, cor de pele, etnia, entre muitas outras. Eles são usados para classificar e hierarquizar pessoas e, quando não encarados como diferenças que tornam qualquer ambiente mais rico e plural, acabam por colaborar na reprodução de desigualdades. O conceito de “Marcadores Sociais” possui conexão com entendimentos relacionados à desigualdade, já que os grupos que são atravessados por algum marcador social tendem a se localizar em situação desigual perante os grupos que não carregam nenhum marcador da diferença. Disponível em: [Transição de governos: quem são os aliados para uma gestão inovadora? - CLP - Centro de Liderança Pública](#) Acesso em: 26 out. 2023

Ao aprofundar a discussão, Blanchette (2002) convida a pensar que existem fatores que definem um indivíduo como “gringo” no território brasileiro, além das questões linguísticas. Nesse contexto, atributos dentro dos marcadores sociais, como a cor da pele correta, facilitam a inclusão e amenizam as dificuldades de inserção social, podendo tornar o estrangeiro um indivíduo bem-vindo no Brasil. No entanto, nem todos os estrangeiros carregam esses atributos, conseqüentemente, não serão acolhidos da mesma forma.

Silva (2014) corrobora com as ideias de Blanchette (2002), abordando que o Brasil apresenta fragilidades estruturais em seus esforços para preservar uma reputação de nação inclusiva e receptiva, que trata os imigrantes de forma equitativa, independentemente de sua raça, nacionalidade, religião, cultura ou visão política.

Afinal, de acordo com as ideias de Silva (2014) e Alphonse (2022), a nação brasileira carrega em seu arcabouço histórico-cultural uma realidade escravagista, acarretando desdobramentos sociais, como a variedade de preconceitos raciais que permeiam o território brasileiro. Conseqüentemente, se depara com a realidade das políticas migratórias, racismo estrutural e vulnerabilidades na percepção social de sua população, desmentindo a crença nacional e internacional cultivada a muito tempo de que existe a tal da democracia racial no Brasil

Blanchette (2002), argumenta que o termo "gringo" é especialmente aplicado a determinados tipos de estrangeiros com o tipo ideal de fisionomia e nacionalidade: anglo-americanos e pessoas do norte da Europa setentrional atraem mais para si a palavra, especialmente se forem brancos, de olhos e cabelos claros. Asiáticos e africanos raramente são classificados como gringos, e os cidadãos de outros países da América Latina também são raramente classificados assim.

No âmbito social, Blanchette (2002) afirma que nem todos os estrangeiros são vistos como completamente estranhos. Alguns podem se tornar familiares à comunidade local, evidenciando uma das muitas, porém talvez a mais essencial, das contradições que permeiam a noção de estrangeiro e sua acessibilidade na sociedade brasileira. A partir disso, Alphonse diz:

Nessa sociedade, a cor da pele é um forte marcador social e, segundo uma reportagem transmitida pelo programa de domingo da Rede Globo, Fantástico, e transformada em notícia online pelo G1, ao entrevistar vários migrantes haitianos (homens e mulheres), estes afirmam sem meia palavra que muitos brasileiros os consideram escravos (Alphonse, 2022, p. 375).

Alphonse (2022, p. 28) defende que a percepção negativa dos haitianos tem raízes profundas na cor da pele e na origem nacional, levando à sua classificação como “indesejados” no contexto brasileiro. Essa atitude reflete uma forma de “repulsa disfarçada” que privilegia os imigrantes de origem branca, isentando-os de problemas sociais, enquanto os haitianos são estereotipados e responsabilizados por questões sociais diversas.

A política migratória brasileira para o Haiti confirma sem sombra de dúvida que o slogan “Brasil de braços abertos”, usado somente para atrair a vinda de migrantes haitianos, de fato não é verdadeiro. A imigração no Brasil sempre é seletiva e o processo migratório de migrantes Haitianos desde 2010 não foi e nunca será bem-vindo nesse país. Este processo migratório confirma que o chamado mito de acolhimento brasileiro somente funciona para determinados grupos sociais, de uma nacionalidade localizada em certas regiões ou continentes específicos e, sobretudo, de uma raça e classe específica: a branca (Alphonse, 2022, p. 60).

Nesse contexto, as contribuições de Alphonse (2022) destacam como esses dois fenômenos, embora distintos em sua natureza, podem se sobrepor em termos de comportamento discriminatório. Isso ressalta a importância de compreender as complexidades das dinâmicas sociais relacionadas ao racismo e à xenofobia, convergindo para um fenômeno xenoracial. Nesse momento, é primordial considerar os pensamentos de Mattos (2016):

Imigrantes vindos da África e do Haiti, dessa forma, carregam em sua pele o estigma de sua origem e de sua ‘raça’, sendo facilmente distinguidos dos demais devido sua cor, religião e cultura, o que ocasiona numa dificuldade maior de se integrarem plenamente na sociedade (Mattos, 2016, p. 35).

Nesse sentido, é relevante retomar as percepções de Blanchette (2002). O autor menciona que algumas características tidas como "gringas" incluem não ter nascido no Brasil, ter pais não brasileiros, falar uma língua estrangeira, pele, olhos e cabelos claros, e ser cidadão de uma nação "imperialista". Não é o caso da população haitiana. Isso ressalta a conexão entre o termo "gringo" e uma identificação com pessoas estrangeiras que muitas vezes são vistas como superiores devido às características eurocêntricas.

Bezerra (2019) aprofunda a ideia, descrevendo que o brasileiro percebe o "gringo" como alguém inteligente e bonito, e que representa um ideal a ser alcançado, com status de superioridade. No entanto, esse padrão de superioridade é válido apenas se a lógica for eurocêntrica. Isso reflete a herança do discurso colonial, que coloca qualquer coisa que não se encaixe nessas características eurocêntricas como inferior.

Portanto, podemos concluir que o termo "gringo" serve como um marcador social que remete aos estereótipos criados a partir de uma visão eurocêntrica, que, por sua vez, está enraizada no discurso colonial e escravagista. Essa visão estabelece uma hierarquia em que as características físicas e cognitivas de pessoas não enquadradas no padrão eurocêntrico são consideradas inferiores, resultando na classificação entre "gringo" e "não-gringo".

O Estigma da Migração Haitiana no Brasil no Contexto Sócio Midiático

Segundo Moraes, Andrade e Mattos (2013, p. 5), assim como Mamed e Lima (2016, p. 39) o terremoto de 2010 no Haiti agravou uma situação sociopolítica já complexa no país. O país se encontrava em um processo de reconstrução após três furacões em 2009, quando foi atingido por um desastre de 7,3 na escala Richter. O terremoto causou a morte de 240 mil pessoas e deixou 1,5 milhão de desabrigados. A população haitiana, em busca de abrigo e melhores condições de vida, migrou em massa para o Brasil, um dos principais destinos da imigração haitiana.

O Haiti encontra-se com o sistema político desorganizado, a economia destruída e a população desnutrida, padecendo com a rápida disseminação do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS e da bactéria *Vibrio cholerae*, a Cólera. Esse

quadro de completa desesperança faz com que muitos haitianos optem por deixar o país com destino, principalmente para o Canadá, os EUA, a França, as Antilhas Francesas, a República Dominicana e o Brasil (Moraes; Andrade; Mattos, 2013, p. 6).

Araujo (2015, p. 149) complementa os dizeres de Moraes, Andrade e Mattos (2013), pontuando que a vinda dos haitianos para o Brasil não aconteceu apenas por causa do terremoto, mas também por causa das situações sociais e políticas do Haiti. O Brasil estava no Haiti desde 2004, através da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, famigerada MINUSTAH¹⁷. Entretanto, essa missão não ajudou o Haiti a se desenvolver e ainda foi vista como uma forma de (re)colonização. Isso fez com que os haitianos ficassem à mercê e tivessem dificuldades para se adaptar e serem reconhecidos no Brasil.

Araujo (2015), bem como Cogo e Silva (2015) acreditam que a emissão da Resolução nº 097/2012 pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que estabeleceu critérios para a regularização da situação migratória dos haitianos que entraram no Brasil de forma irregular, influenciou a vinda dos haitianos. Além disso, a situação econômica favorável do Brasil e os eventos esportivos que aconteceram aqui, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, também tiveram influência. A missão do Brasil no Haiti e as oportunidades de trabalho temporárias foram igualmente importantes nesse movimento de pessoas.

Nesse sentido, Cogo e Silva (2015) destacam que a mídia brasileira apresenta diferentes abordagens sobre a imigração haitiana, em diferentes momentos. Em alguns contextos, a mídia destaca as contribuições dos haitianos para a economia e a diversidade cultural do Brasil. Em outros, a mídia reforça estereótipos preconceituosos sobre esses imigrantes.

¹⁷ Aristide elege antes de sair do poder, em 1996, René Preval, que daria continuidade aos acordos assinados, e é reeleito em 2001 com mais de 92% dos votos. Sua política alternava entre centrista e pró-imperialista, o que diminuiu paulatinamente sua popularidade, tanto entre a direita, formada por adeptos do duvalierismo, quanto entre setores dos movimentos popular e sindical. A polarização atingiu níveis críticos e uma rebelião começava a tomar corpo, o que levou os EUA de George W. Bush, aliado à França e ao Canadá, a invadirem novamente o país retirando o presidente do poder em fevereiro de 2004, e nesse contexto a ONU organizou as tropas de ocupação formando a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti – MINUSTAH, cuja liderança foi designada ao Brasil (Silva, 2017, p. 43). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-07122018-155923/publico/2017_CamilaAntunesMadeiraDaSilva_VCorr.pdf. Acesso em: 23 out. 2023

De acordo com Cogo e Silva (2015), os haitianos são frequentemente percebidos como sujeitos subjugados e estigmatizados, estabelecendo uma dinâmica da alteridade entre eles (o “Outro”) e os brasileiros (o “Nós”). Os primeiros são vistos como vítimas de uma realidade marcada por miséria e desastres, enquanto o último é considerado a “terra prometida”. Quando emigram para o Brasil, eles se deparam com diversos obstáculos, mas acreditam que estão em um contexto “melhor do que no Haiti”.

Além disso, Cogo e Silva (2015) apontam que a mídia passou a retratar a imigração haitiana de forma sensacionalista, muitas vezes como uma “invasão” ao território brasileiro. O que antes era considerado uma “fuga” do Haiti se transformou em uma ameaça à soberania nacional.

Haesbaert (2014, p. 40) contribui para a discussão pontuando como se dá essa mudança de perspectiva em relação ao conceito mais tradicional de fronteira e migrações. Nessa abordagem, a fronteira é vista como uma barreira rígida, um limite físico que separa claramente o “lado de cá” do “lado de lá”. Essa visão implica em uma lógica de exclusão e controle dos migrantes considerados “indesejados” ou “ilegais”. Um exemplo emblemático desse contexto é a fronteira entre os Estados Unidos da América e o México, onde a questão da “invasão” e da “ilegalidade” é frequentemente debatida.

Conversando com as ideias de Haesbaert (2014), Uebel (2016) contextualiza que os haitianos sofrem com a estigmatização, ressaltando como eles são frequentemente culpados por vários desafios enfrentados pelas comunidades que os acolhem, como a superlotação de abrigos e postos de saúde, além de serem falsamente associados a riscos à saúde pública.

No caso da imigração haitiana, crescente em direção ao território brasileiro desde o terremoto de 2010, encontrando seu ápice nos anos subsequentes, as manchetes desta abordagem tradicional seguiam um perfil, conforme segue: “As desprotegidas portas do Brasil” (Revista Veja, 17/06/2011), “Governo brasileiro fecha fronteiras aos haitianos” (Revista Veja, 10/01/2012), “Crescimento brasileiro absorve pobres do Haiti, por enquanto” (Revista Veja, 15/01/2012), “Brasil acolhe 148 haitianos retidos

na fronteira com a Bolívia” (Revista Veja, 13/07/2012), “Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos” (Revista Veja, 02/02/2014), além de diversas outras reportagens (Uebel, 2016, p. 10).

Esse contexto se alinha à abordagem de Goffman (1963) sobre o estigma, que destaca a relevância da informação social relacionada às características mais ou menos permanentes de um indivíduo. Essas características são transmitidas reflexivamente e corporificadas, alinhando-se ao papel dos “símbolos” que são frequentemente buscados e recebidos. No contexto da migração haitiana para o Brasil, os “símbolos” associados aos haitianos incluem a cor da pele, a origem geográfica e a vulnerabilidade social. Esses “símbolos” podem influenciar a maneira como os haitianos são percebidos e tratados na sociedade brasileira.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (Goffman, 1963, p. 6)

Portanto, retomando as ideias de Cogo e Silva (2015), o tratamento dos imigrantes no Brasil é seletivo, com alguns grupos sendo vistos como desejáveis, enquanto outros, como os haitianos, são estigmatizados e marginalizados. A diferença é clara, principalmente quando comparamos a acolhida dada aos imigrantes brancos e europeus, com a hostilidade sofrida pelos haitianos. As autoras argumentam que o estrangeiro percebido como branco sempre desfrutou de uma posição superior, adicionando uma dimensão única às formas como os preconceitos se manifestam, convergindo para o fenômeno xenoracial.

Considerações finais

A pesquisa em questão buscou analisar a representação sociomidiática da imigração haitiana no Brasil, destacando diversas nuances complexas que permeiam essa temática. A partir do fenômeno do xenoracismo, Sivanandan (2001) ressalta a importância de compreender a interseção entre racismo e xenofobia, particularmente quando se trata da percepção dos migrantes, tanto de origem haitiana quanto de outras origens socioeconômicas diversas. Esse entendimento ampliado é crucial para uma análise mais abrangente das relações sociais no contexto da imigração.

Ademais, a discussão em torno dos marcadores sociais "gringo" e "não-gringo", como explorado por Blanchette (2002), evidencia a necessidade de reconhecer como esses marcadores influenciam a dinâmica de integração e acolhimento dos migrantes haitianos na sociedade brasileira. Esses marcadores destacam a relevância de considerar não apenas a origem geográfica, mas também fatores étnico-raciais na compreensão das relações sociais no contexto da migração. Assim, é importante analisar como essas categorias são construídas, aplicadas e contestadas pelos próprios migrantes e pelos brasileiros, e quais são as implicações desses processos para a inclusão social e o reconhecimento da diversidade cultural.

Além disso, a análise da estigmatização dos haitianos no Brasil, com base nas contribuições de Goffman (1963), Haesbaert (2014), Cogo e Silva (2015), entre outros autores, revela as complexidades que envolvem a percepção e a representação desses migrantes na mídia brasileira. A interseccionalidade de estigmas relacionados à raça, origem geográfica e status socioeconômico evidencia a necessidade de uma abordagem mais abrangente e sensível no tratamento das questões migratórias e étnico-raciais. Assim, pretende-se promover uma representação mais justa e precisa das comunidades imigrantes, respeitando a sua diversidade e contribuição para a sociedade brasileira.

Embora este estudo tenha contribuído para uma melhor compreensão dessas questões, é importante ressaltar que algumas lacunas persistem, tais como a necessidade de uma análise mais ampla das experiências e perspectivas dos próprios haitianos no Brasil. Outrossim, sugere-se uma investigação mais crítica das políticas públicas e discursos sociais relacionados à imigração, a fim de esclarecer de forma mais extensa as dinâmicas sociais e identitárias subjacentes, bem como os

desafios e oportunidades que se apresentam para a integração e o reconhecimento dos imigrantes no país.

Em resumo, este estudo busca contribuir para uma compreensão perante as complexidades enfrentadas pela imigração haitiana no Brasil, especialmente no que tange à representação midiática dessa população, conseqüentemente, influenciando à percepção pública moldada pela prática de ações xenoraciais. Espera-se que os resultados desta pesquisa sirvam como base para iniciativas que promovam uma maior inserção social de migrantes haitianos e, por extensão, para as comunidades racializadas migrantes no país.

À luz dessas considerações, futuras pesquisas podem se concentrar na formulação de políticas mais inclusivas e equitativas para a integração dos migrantes haitianos e de outras comunidades étnicas minoritárias no Brasil. Além disso, um exame aprofundado da influência da mídia na construção de narrativas e estereótipos pode contribuir para uma representação mais justa e precisa das comunidades imigrantes, promovendo uma compreensão mais holística e sensível das dinâmicas migratórias no país. Esses esforços podem favorecer o reconhecimento da diversidade cultural e a valorização das contribuições dos imigrantes para o desenvolvimento social e econômico do Brasil.

Referências Bibliográficas

ALPHONSE, F. **Racismo, xenofobia e exploração de mão de obra haitiana no Brasil: 2011-2019**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/258011/001168570.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

ARAÚJO, A. A. de A. **REVE DE BREZIL: A INSERÇÃO DE UM GRUPO DE IMIGRANTES HAITIANOS EM SANTO ANDRÉ, SÃO PAULO-BRASIL**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do ABC, Santo André, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282818113_REVE_DE_BREZIL_A_INSERTAO_DE_UM_GRUPO_DE_IMIGRANTES_HAITIANOS_EM_SANTO_ANDRE_SA_O_PAULO_-_BRASIL_Haitian_immigration_migratory_networks_migratory_flow_Santo_Andre_Brazil

BEZERRA, S. S.; IFA, S. 'Eu queria ser um gringo bonito e inteligente': Reflexões sobre colonialidade do ser em aulas de língua inglesa. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 35, n. especial, p. 90–108, 2019. DOI: 10.14393/LL63-v35nEsp2019-5. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/49567>. Acesso em: 9 nov. 2023.

BLANCHETTE, Thaddeus. Estrangeiro-Gringo-Brasileiro: Aproximação e afastamento entre brasileiros e não-brasileiros. **TRAVESSIA-revista do migrante**, n. 44, p. 18-23, 2002. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/853>. Acesso em: 9 nov. 2023.

CARNEIRO, Cynthia Soares. Discriminação e preconceito em migração qualificada para o Brasil: restrições relatadas por estudantes na Universidade de São Paulo. **Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações**, v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/21224. Acesso em: 10 nov. 2023.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. **Entre a "fuga" e a "invasão": alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira**. PUC-RS, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/21885>. Acesso em: 27 out. 2023.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra** (Trad. José Laurênio de Melo). Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira SA, 1968.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: revista interdisciplinar da mobilidade humana**, v. 29, p. 193-210, 2021. Disponível em:

scielo.br/j/remhu/a/WhQNMSS8L6RsKwVWkfR68tg/?format=pdf

GEBRIM, Ana Carolina Campos. **Psicanálise no front: a posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15012019-155154/en.php>

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988. Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/53983977/9_ESTIGMA_-_Erving_Goffman-libre.pdf?1501094454=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3D9_ESTIGMA_Erving_Goffman_pdf.pdf&Expires=1697565060&Signature=ail7TMfzn9YWku~Cyx3Gh0iP2OjBlSrK2bYN1FQn7fupK~RLt7KpmHqflt3XRjtRFTv4fRN8KqgAISGIBcV--xfDCQwqVd3XFlnDnB3T1RMO5yS6baydAd8abUEtul7CnTORR4SIb4Bj8TY-gHpR95kOTzSr8RNmrpm9HPPvZRpB1s0gluOcXppqAfnjro73PEc-ZiZzQznwhQoHOYO72lgrvRW498dn0pW9C6T0jxncUq7lg6HyeDuEpH3W~a8VMYnxD3NTrp6PIbzyGnYHN4mWlmtmkp7XMnmF~611N3oDsO9RRSHKAA9ZeskQUXaSNxvPSX43BwJtZQgGkL4LBA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA

HAESBAERT, Rogério. Contenção territorial: “campos” e novos muros. **Boletín de Estudios Geográficos**, v. 102, p. 25-45, 2014. Disponível em:

https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos_digitales/6804/beg-102.pdf#page=25

HERNÁNDEZ, Tanya Kateri; SOUZA, Arivaldo Santos de; FONSECA, Luciana Carvalho. **Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Civis**. EdUFBA, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jr9nm>

MAMED, Letícia Helena; DE LIMA, Eurenice Oliveira. Trabalho, precarização e migração: o processo de recrutamento de haitianos na Amazônia acreana pela

agroindústria brasileira. **Novos Cadernos NAEA**, v. 18, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2079>

MATTOS, Alice Lopes. **Racismo e xenofobia no Brasil**: análise dos instrumentos jurídicos de proteção ao imigrante negro. Monografia de Graduação em Direito Universidade Federal de Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/2796>

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. **Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p. 95-114, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/35798/27329>

MOREIRA, Camila. Branquitude é branquidade? Uma revisão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 73-87, 2014.

NASCIMENTO, Jorge Luiz. Da ponte pra cá: os territórios minados dos Racionais MC's. **Revista Eletrônica de Estudos Literários-REEL**, n. 02, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3434/2689>

OLIVEIRA, L. M. de et al. **Imigrantes, xenofobia e racismo**: uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo. 2019. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019 Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/22442>

SCHUCMAN, Lia; CARDOSO, Lourenço. **Apresentação dossiê branquitude**. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 05-07, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/146/144>

SILVA, Camila Antunes Madeira da. **O enquadramento da tragédia social e a indesejabilidade da diáspora haitiana na mídia brasileira**. 2017. Dissertação

(Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-07122018-155923/publico>

SILVA, Sidney Antônio da. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos?. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, p. 119-134, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/yHKMhWwqBWgbHrP63Wy9xfv/?lang=pt&format=pdf>

SILVA, Paloma Karuza Maroni da. **Seguindo rotas**: reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto de entrada pela tríplice fronteira norte. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014 Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15727/1/2014_PalomaKaruzaMaronidaSilva.pdf

SIVANANDAN, Ambalavaner. UK: Refugees from globalism. **Race & class**, v. 42, n. 3, p. 87-91, 2001.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. O imigrante como objeto, a fronteira como um portão: como a mídia impressa percebe o imigrante haitiano e o papel das fronteiras no Brasil e no Rio Grande do Sul. **Tempo da Ciência**, v. 23, n. 46, p. 115-131, 2016. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/16132>

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história**: da antiguidade à modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO FACULDADE
DE JORNALISMO**

Emily França Fernandes

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA
As narrativas Midiáticas sobre a Migração
Latino-Americana**

CAMPINAS

2023

Emily França Fernandes

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA

**As narrativas Midiáticas sobre a Migração
Latino-Americana**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina **METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO** da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão

PUC-CAMPINAS

2023

Introdução

O trabalho a seguir propõe um debate sobre a abordagem da grande mídia em relação às migrações na América Latina, utilizando o contexto de colonização dos países latino-americanos como um dos fatores que contribuem para a sub-representação dessas populações na mídia, bem como o fortalecimento dos estereótipos criados a partir de um sistema hegemônico (Scariot, 2005).

Irá apresentar as reflexões que apontam para o discurso da mídia ser moldado pelas heranças culturais e históricas do colonialismo, com o intuito de compreender e problematizar as representações construídas, ou negligenciadas sobre a população migrante latino-americana. Para atingir esse objetivo, será adotada uma linha de raciocínio em três etapas.

Considerando que as migrações são influenciadas diretamente por questões econômicas e sociais, é desejável contribuir com a reflexão sobre as causas que levam tais populações a estarem em situação de pobreza e, conseqüentemente, buscarem moradia em outros países.

Atualmente, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) estima que, em 2021, 30% da população afrodescendente e 46% da população indígena na América Latina estejam vivendo na linha da pobreza. Esse contexto de desigualdade econômica e marginalização social, diretamente afetado pelas heranças do colonialismo, é um dos fatores que impulsionam a migração latino-americana.

No segundo momento, as ideias dos autores irão nortear a compreensão sobre como o discurso midiático foi construído a partir da herança de culturas e povos que se consideram superiores (Césaire, 1978), o que resultaria na sub-representação midiática das culturas de países emergentes ou economicamente “subdesenvolvidos” (Rampinelli, 2014). Para ilustrar a falta de representatividade, serão apresentados alguns estudos que atestam a pouca presença de narrativas latino-americanas e caribenhas nos meios de comunicação tradicionais, assim como a falta de protagonismo dos personagens ao relatarem determinados ocorridos ou situações ligadas à vivência em países estrangeiros. Essa sub-representatividade na mídia, em grande parte decorrente das relações de poder estabelecidas no período colonial, contribui para a marginalização da população latino-americana,

enfraquecendo sua voz e influenciando a forma como são percebidos pela sociedade em geral.

No terceiro momento, o projeto discorre como a ausência de narrativas pessoais concede controle à mídia para representar esses povos de forma conveniente. Por isso, o terceiro tópico discute a criação de estereótipos para retratar imigrantes latino-americanos por parte dos veículos de comunicação. Essa estereotipação reforça a visão superficial e distorcida da população latino-americana, contribuindo para a manutenção de desigualdades e perpetuando o imaginário de subalternidade construído ao longo da história.

Será apresentado os aspectos históricos e culturais que influenciaram a forma como a mídia aborda as questões relacionadas à identidade, raça e diversidade na região, com o propósito de promover uma reflexão crítica sobre a construção de estereótipos e a necessidade de uma representação mais justa e equitativa da América Latina não branca nos meios de comunicação.

Por meio da análise provocada, busca-se contribuir para um debate mais amplo sobre a importância da diversidade e da equidade na produção e disseminação da informação midiática.

Tópicos da revisão bibliográfica

Um panorama da crise migratória na América Latina

O processo migratório na América Latina, que teve início no final do século XIX, é moldado por uma série de fatores complexos. Além disso, o imaginário sociocultural histórico da América Latina é influenciado por uma série de eventos que moldaram suas sociedades ao longo dos anos, como a exploração colonial europeia e a imposição de hierarquias raciais.

Portanto, entender as causas é fundamental para compreender a visão que o mundo possui dessa população, especialmente em um contexto de intensificação dos movimentos migratórios e desafios persistentes relacionados à desigualdade e ao desenvolvimento sustentável na região.

Para Aruj (2008), a motivação da migração nessa região é primeiramente ligada à falta de trabalho, perseguição política, ideológica, a insegurança causada pela violência no país, problemas socioeconômicos e outros.

Entretanto, não se limita a essas razões. Segundo Aruj (2008)

As pesquisas e análises realizadas sobre esse fenômeno nos permitem afirmar que a decisão migratória é, em última análise, consequência de um processo complexo. Nesse processo, o *imaginário sociocultural*, historicamente constituído, sofre uma fissura em seu projeto de futuro diante de uma realidade e de um discurso hegemônico que abala as expectativas de realização e segurança pessoal, não só econômica, mas também política e socialmente. (Aruj, 2008, p. 98)

Para contextualizar, nota-se que a desigualdade social é histórica e estrutural nas sociedades latino-americanas e caribenhas, e mesmo durante os períodos de prosperidade econômica, ela se manteve. Até hoje, essas regiões são marcadas por baixo nível educacional, baixos índices de inserção do mercado de trabalho, baixa cobertura e insuficiência no sistema de pensões, como a aposentadoria (CEPAL, 2019).

Retomando as ideias de Aruj, para ele, a imigração se mostrou como uma possibilidade de ficar “inteiro” ou ileso, no imaginário do imigrante, considerando a ideia de que um novo país lhe trará o que lhe falta em seu país de origem. Por outro lado, a globalização apesar de ter dado a ideia de homogeneização do mercado mundial, repleto de desigualdade estruturais, agiu apenas em esfera cultural, realçando a necessidade de que todos tivessem o mesmo estilo de vida do colonizador. Outro ponto para migrações, está na busca de satisfação das necessidades humanas, incluindo cognitivas ou biológicas, este seria outro fator que impulsiona os movimentos migratórios (Aslow, s.d apud. Aruj, 2008, p.99).

Mais a frente, o autor introduz um argumento apresentado pelo economista francês Destanne de Bernis [2005], que aborda as desigualdades e dificuldades específicas de cada região, características do capitalismo tardio. Segundo ele, o fenômeno em que o capitalismo não se desenvolveu de maneira fluida, como em outros países, não se resume a um mero período de adaptação. Na verdade, indica um bloqueio na expansão do capitalismo, apontando de forma irreversível para uma decomposição lenta. Além disso, ele destaca fatores sintomáticos, como o fluxo migratório.

A ideia das raças representa a história da constituição política ou econômica das sociedades contemporâneas (Almeida, 2019), e visto que a terminologia não possui registros antes da América (Quijano, 2005), contar o

processo de acontecimentos sucedidos após tal categorização de seres humanos, pode ser excelente para chegar ao ponto onde a América Latina está hoje em questões econômicas, políticas e sociais.

Foi a partir de meados do século XVI, através das formulações da cultura renascentista, que passaram a se preocupar em refletir sobre a unidade e a multiplicidade da existência humana. Para começar, a noção de homem não é tão intuitiva como parece. O conceito de homem do iluminismo é como um sujeito, mas também um objeto que adquire conhecimento. Muito brevemente entrando nesse assunto, foi a partir do ponto de vista intelectual que o iluminismo criou ferramentas para comparar e classificar os homens, e pôde então criar uma distinção entre civilizado e selvagem. Alguns séculos depois, essa mesma civilização se encaminhou a outros lugares, terra dos indivíduos considerados “primitivos”, seres que desconheciam os benefícios da liberdade, igualdade, Estado de direito e do mercado (Almeida, 2019).

“A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras” (Quijano, 2005, p. 117).

O conceito de raça resultou em uma situação “natural”, ou forçada por seus precursores, de sujeitos em posição de inferioridade.

E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população (Quijano, 2005, p. 117).

A relação social que se estabeleceu na América foi de dominação, e as definições de raças puderam legitimar as violências que se sucederam. Formou-se uma estrutura de controle de trabalho, recursos e produtos (Quijano, 2005), a partir da exploração das terras latino americanas, que apesar de terem passado por processos de colonização específicos, todos foram a partir da mesma ideia, e todos pela Europa, como responsáveis sendo os espanhóis, portugueses, holandeses e franceses.

Durante o momento de colonização de toda a América Latina, brancos estabelecem uma posição de privilégio no capitalismo, devido ao controle da força

de trabalho escravo e dos recursos dessas regiões. (Quijano, 2005). A Europa então assume o papel de universalidade perante a configuração capitalista.

[...] o êxito da Europa Ocidental em transformar-se no centro do moderno sistema-mundo, segundo apta formulação de Wallerstein, desenvolveu nos europeus um traço comum a todos os dominadores coloniais e imperiais da história, o etnocentrismo (Quijano, 2005, p.121).

Segundo Willcock, Rosa e Rigo (2020), a invasão das terras dos povos indígenas na América Latina pelos colonizadores, resultou em uma tentativa de extermínio das sociedades já estabelecidas nessas regiões. Além disso, essa invasão impediu o desenvolvimento dessas áreas, devido à relação de dominação entre metrópole e colônia, na qual o colonizador monopolizava a exploração, como mencionado por Césaire (1978).

Rampinelli (2014), destaca três grandes crimes cometidos pela Europa contra as civilizações nativas: genocídio, etnocídio e memoricídio. O genocídio foi perpetrado contra negros e indígenas por meio do trabalho escravo ou compulsório, assim como por meio do assassinato em resposta à resistência armada contra os dominadores. Já o etnocídio consistiu na violação da autonomia dos povos indígenas e na negação de seus direitos. O memoricídio foi caracterizado pela eliminação do patrimônio tangível e intangível que simbolizava a resistência proveniente do passado (Rampinelli, 2014).

Esses crimes perpetrados pelo colonizador europeu levantam uma reflexão fundamental: o controle do passado é a melhor forma de planejar o futuro (Rampinelli, 2014).

Atualmente, a América Latina é marcada por desafios para alcançar a igualdade e o desenvolvimento sustentável e inclusivo, além disso, têm passado por uma conjuntura mundial e regional ainda mais difícil em comparação com a primeira década e meio deste século. O Panorama Social da América Latina (2019) avalia que diversos avanços em matéria social desaceleraram e demonstram sinais de retrocesso desde 2015, como particularmente no aumento da pobreza extrema.

As novas gerações, agora apresentam novas demandas, como:

[...] a rejeição à persistência da cultura do privilégio em suas múltiplas dimensões, particularmente as vinculadas à concentração da riqueza, o acesso segmentado a serviços públicos e culturais de qualidade e a falta de reconhecimento da dignidade dos indivíduos

e comunidades (CEPAL, 2019, p. 5).

A pesquisa também cita que estes fatores se unem a outros, como a intensificação dos movimentos migratórios, fenômeno que têm tido importância na agenda política e social da região nos últimos tempos (CEPAL, 2019). Segundo a mesma pesquisa, a população migrante da região chega a 40,5 milhões de pessoas, o que representa quase 15% de toda a população migrante mundial. Em suma, a pobreza não tem afetado de forma proporcional todos os grupos da população latino-americana. De acordo com dados de 2017, dentro do grupo dos mais afetados pela extrema pobreza estão pessoas indígenas e afrodescendentes, assim como outros grupos minoritários, evidenciando como as dinâmicas socioeconômicas e os movimentos migratórios são elementos interligados e fundamentais para compreender a complexa realidade da América Latina (CEPAL, 2019).

Sub representatividade Midiática de Imigrantes Latino-Americanos

Falar sobre a representatividade social dos imigrantes exige uma compreensão do papel da mídia diante de fenômenos sociais, como a imigração. Inicialmente, abordamos a importância da mídia na construção da imagem do imigrante. Posteriormente, exploraremos outros autores que oferecem perspectivas críticas sobre a representatividade dos Latino-Americanos nos meios de comunicação em massa.

Dadalto (2011) aborda esse tema em dois momentos. Primeiro, ela propõe uma discussão sobre o significado de ser imigrante no contexto econômico atual. Em segundo lugar, explora o papel da mídia e as representações sociais. Ela introduz a ideia de que a migração tem impactos nas dimensões econômica, política, psicológica e sociológica, tanto nas populações de origem quanto nas de destino. O movimento migratório muitas vezes coloca os indivíduos em situações onde perdem direitos de cidadania, residindo em lugares onde não são considerados membros efetivos da sociedade (Dadalto, 2011, p. 15).

Todos os sujeitos estão inseridos em dado contexto social que se diferencia por suas particularidades, como as experiências relacionadas à interação e a comunicação entre as pessoas.

Assim, como o cotidiano é fundado por fatos e ações relacionadas à

tessitura em que se vive, todo o processo instituído na conduta cotidiana dos indivíduos é carregado de significado cultural, e este é dado pelas representações sociais (Dadalto, 2011, p. 18)

Em suma, a representação dos imigrantes no país de destino está diretamente relacionada às representações sociais criadas por aqueles que têm a capacidade de representar. Essas representações são moldadas por significados culturais, especialmente no caso dos imigrantes latino-americanos, que têm uma história de colonização e subjugação. Bauman (2004) é citado por Dadalto para explicar a posição social atribuída aos imigrantes:

Na visão do neoliberalismo os imigrantes podem ocupar um determinado lugar no país de destino, conforme seu enquadramento, em classificação apurada como: consumidores, produtores, mercadorias ou refugos. E o que irá definir o “lugar” que este indivíduo vai ocupar é justamente sua capacidade de ser “bom” consumidor. (Bauman, 2004 apud Dadalto, 2011, p. 19)

Dadalto argumenta que a mídia tende a representar os imigrantes com base em seu papel no capitalismo, resultando em representações que não são necessariamente precisas ou equitativas, mas sim moldadas pela lógica do mercado. Essa conceituação inicial é importante porque mais à frente, ela coloca a representação social como uma possibilidade de reflexão e de dar sentido à própria realidade, como encontrar um lugar nessa sociedade e consolidar sua identidade social.

Tendo como pressuposto as ideias de Thompson (2004), é necessário realizar a articulação do desenvolvimento econômico e da mídia. “Pois o desenvolvimento da mídia está entrelaçado, de modo fundamental, com as principais mudanças institucionais que modelaram o mundo moderno.” (Thompson, 2004 apud Dadalto, 2011, p. 21)

A autora novamente faz uma citação, dessa vez para justificar que apesar de tal responsabilidade, a mídia raramente assume com objetividade essa responsabilidade. “O discurso sensacionalista, a linguagem do espetáculo do real, a actualidade trágica e a catástrofe, o fait-divers, a curiosidade e o monstruoso, etc., vão preenchendo o campo narrativo dos media, deixando pouco espaço a rigor, à contextualização e, enfim, ao humano” (Cádima, 2003,p.5 apud Dadalto, 2011, p. 25).

Mais adiante, antes de discutir os resultados de sua análise, Dadalto

menciona a existência de dois perfis de migrantes, o primeiro sendo de mão de obra qualificada, e o segundo perfil ligado à migrantes, em sua maioria sul americanos, em busca de emprego e melhores condições de vida (Dadalto, 2011). Os dados apresentados no primeiro tópico ilustram a situação socioeconômica da América Latina, entretanto já em 1990, uma parcela significativa da população latino americana já se encontrava em situação de pobreza (48%), enquanto 22,6% eram considerados indigentes de acordo com o panorama social de 2011.

Essa discussão inicial dá parâmetros mais claros para discutir como a mídia escolhe transmitir certas informações. Spivak (2010) questiona o papel dos intelectuais pós-coloniais ao falar em nome do "subalterno".

Spivak adota o conceito de "subalterno", originalmente formulado por Antonio Gramsci. Ele utiliza o termo para se referir a todo e qualquer sujeito marginalizado, assim como o "proletariado". O intelectual, ao silenciar essas vozes, acaba reproduzindo e reforçando discursos hegemônicos, assim como as estruturas de poder e opressão, o mantendo silenciado e refém das representações da mídia.

Ela argumenta que a economia está intrinsecamente ligada ao contexto social, o que se traduz em uma representação complexa e, muitas vezes, em uma violência epistêmica. Essa violência é resultado de um projeto concebido para perpetuar a visão de inferioridade sobre aqueles que foram colonizados.

As análises críticas da sub-representação de identidades sociais se consolidaram nos anos 60, onde se discutia a aplicação da política de identidades, a fim de defender a singularidade cultural de grupos marginalizados ou oprimidos (Filho, 2004). Atualmente, diversos quadros de referência teórica, conseguem resgatar e informar como é feito o complexo processo de representação da mídia.

A análise de Dadalto (2011), tendo como base cerca de 38 matérias com o tema Latinos Americanos, publicadas pela Folha de S. Paulo entre 2010 até 2011, concluiu que as matérias não exploram aspectos de suas vidas, como vivem ou como se relacionam. Ela afirma que no geral são baseadas no senso comum. "Pouco se sabe sobre a vida desses migrantes, até porque poucos são entrevistados, mesmo que anonimamente – muitos têm medo de sofrer algum tipo de represália. São assim tratados, jornalisticamente, como mercadorias" (Dadalto, 2011).

Cogo (2013), traz à tona a presença notável de uma tendência à

criminalização e a adoção de uma perspectiva emprestada de agências estrangeiras. Ao avaliar veículos de comunicação como a Folha de São Paulo (SP), O Globo (RJ), Zero Hora (RS), Diário Catarinense (SC), Correio Braziliense (DF), Jornal da Tarde (BA), A Crítica (AM) e a Revista Veja, torna-se evidente que os imigrantes sul-americanos e caribenhos emergem como um dos principais alvos da sub-representação midiática no contexto brasileiro. Esta constatação ressalta a importância de uma reflexão crítica sobre como os meios de comunicação contribuem para a construção de narrativas prejudiciais em relação a essas comunidades (Cogo, 2013).

Estereótipos e a marginalização dos imigrantes na mídia

A globalização, assim como a desigualdade social, impulsionam os intercâmbios econômicos, entretanto, não contribuem para alterar as antigas estruturas, firmadas no período colonial.

Exemplo é a reprodução de discriminações dos europeus em relação aos latino-americanos e a admiração inversa que nutrem os latinos frente aos europeus. Ao tratamento desigual de diversos países da Europa em relação a imigrantes e turistas oriundos da América Latina [...] (Cogo, 2002, p. 8)

Para Cogo (2002), existem dois pontos principais para se compreender as relações formadas entre colonizado e colonizador, para explicar a conflitiva experiência migratória na contemporaneidade.

A economia e o mercado, de um lado, e as identidades culturais e comunitárias, de outro, passam a pautar, quase que de forma exclusiva, a dinâmica de inter-relações entre Europa, Estados Unidos e América Latina, contribuindo para que os olhares sobre as diferenças entre regiões e culturas se mantenham irredutíveis. (Cogo, 2002, p. 8)

Quanto à construção do olhar para a migração, ela explica que a mídia utiliza de um sistema que distancia, exotiza e folcloriza o migrante, em um movimento de afirmação da alteridade. Através do mapeamento das estratégias de midiática dos fenômenos migratórios, ela conclui que se aplicam dois cenários distintos: de um lado estão as migrações históricas, retratadas na cobertura midiática através de um caráter de enaltecimento e exaltação; e de outro estão as migrações contemporâneas, com um tom de criminalização, nessas mesmas mídias.

Nota-se a presença de uma semantização negativa, no qual os migrantes são chamados de ilegais, clandestinos, irregulares, indo a favor das representações policiais.

Os títulos de algumas das matérias mapeadas sugerem a ênfase em uma “criminalização” em que os imigrantes, embora cheguem a ocupar a posição de sujeito, aparecem, na maioria das vezes, como “pacientes” ou “experimentadores” das ações de “outros”, geralmente as autoridades ou de aparatos policiais. (Cogo, 2002, p. 14)

Para Seguela (1998) apud Scariot (2005) os estereótipos não contribuem para o entendimento da realidade, segundo ele: “a falácia do estereótipo reside em que, sob a aparência de comunicação, ele isola; sob a aparência de informação, desinforma.”

A criação desses estereótipos de marginalização e subalternidade, sobretudo aos migrantes excluídos do sistema hegemônico vigente, são resultado de um discurso criado pelo pensamento da elite dominante, que atualmente opera os *mass media*. (Scariot, 2005)

O discurso bem organizado, é persuasivo e acaba por convencer a sociedade, que aceita e reproduz, como um dos principais alvos, latino americanos.

A aparência acaba convencendo. “Assim, entende-se por que, tantas vezes, aceitamos o estereótipo do “pobre violento”, do “imigrante ilegal”, do “mexicano sujo e bêbado” e tantos outros que se infiltram em nossa mente como verdades absolutas” (Scariot, 2005, p.5).

O poder da mídia em manipular a verdade, condicionam a opinião pública e o imigrante é reduzido aos estereótipos.

Às vezes, os efeitos dos estereótipos marginalizam grupos de forma muito cruel. Os latino-americanos estão entre os primeiros da lista. Mas também os negros ou índios ou estrangeiros ou pobres e desempregados recebem o rótulo de inferiores” (Scariot, 2005, p.7).

Em sua pesquisa, Scariot (2005), decide ir para um caminho que relaciona a fixação do imaginário criado, como causador da fragmentação da identidade cultural do imigrante. Cita o trecho retirado da revista Veja, para reforçar seu argumento.

[...] evitar que vagabundos renitentes [é assim que a matéria se refere aos migrantes] voltem ao albergue muitas vezes seguidas [...] Os rigores da vida nas ruas, contudo, ensinaram como driblar o rodízio forçado dos miseráveis. Basta inventar um outro nome, jurar ter perdido os documentos. Em se tratando de homens sem identidade, quase sempre dá certo. (Scariot, 2005, p. 11)

Neste cenário de globalização, observa-se a dissolução tanto das identidades

quanto das distinções raciais e sociais, levando-as a se diluírem no anonimato. Isso coloca as pessoas em perigo de perderem sua individualidade e o reconhecimento que lhes é devido. O mesmo não acontece com todas as nacionalidades, o discurso possui um alvo específico.

Os Estados Unidos aparecem como generosos, acolhedores, enfim aquele que proporciona dignidade ao ser humano. O México é apresentado como invasor, transgressor, sendo que os mexicanos ingressam nos EUA para trabalhar sem documentação legal. (Scariot, 2005, p. 11)

Cogo (2015), traz em uma recente pesquisa sobre o tratamento dado aos imigrantes haitianos que chegam ao Brasil, através de um fluxo que se intensifica e ganha notoriedade da mídia de 2011 à 2014, uma análise de 162 materiais publicados no país.

Ao tematizarem o movimento inicial mais significativo da chegada dos haitianos, ocorrido entre 2010 e meados de 2011, as narrativas vão constituindo e cristalizando uma descrição deles como “vítimas da miséria” e da devastação, a quem “a pobreza ronda a vida”. Os haitianos são aqueles que “fogem” do “terremoto, pobreza, epidemia de cólera, fome e violência” (Trezzi, 2011 apud Cogo, 2015)

Apesar do sentido dessa migração ser disputada por diversos atores, Cogo defende que

O quadro de sentido mobilizado inicialmente para interpretar a imigração haitiana ao país - uma “fuga” do Haiti, da “miséria” e do “desastre” - é substituído por outro - o de “invasão haitiana” ao Brasil, que passa a gerar e respaldar discursos defendendo a necessidade de controle de ingresso dos haitianos.

Os estereótipos criados e reforçados pela mídia, criam um sentimento primeiramente de estranhamento e posteriormente de hostilidade, como apresentado por Cogo (2015). A pesquisa com os haitianos, ilustra e exemplifica a representação que outras nações latino americanas também enfrentam.

Considerações finais

Ao concluir este estudo sobre a crise migratória na América Latina, é evidente que as dinâmicas migratórias são intrinsecamente ligadas a fatores históricos, sociais e econômicos que moldaram a região ao longo dos séculos. A compreensão das causas dessa migração é crucial para desmistificar as representações distorcidas e estereotipadas dos imigrantes latino-americanos.

O processo migratório na região, como destacado por Aruj (2008), é multifacetado, sendo motivado por questões como a falta de trabalho, perseguição

política, ideológica, insegurança causada pela violência, problemas socioeconômicos, entre outros. No entanto, é crucial reconhecer que a decisão de migrar é resultado de um processo complexo, no qual o imaginário sociocultural é impactado por expectativas frustradas e um discurso hegemônico que abala as perspectivas de realização e segurança pessoal (Aruj, 2008).

A desigualdade social, historicamente enraizada na América Latina, desempenha um papel fundamental nas dinâmicas migratórias. A exploração colonial, as hierarquias raciais e a estrutura de controle de trabalho e recursos contribuíram para a formação de identidades sociais historicamente novas. A dominação estabelecida durante a colonização legitimou as violências que se seguiram, resultando em uma estrutura de controle que persiste até hoje.

A representação midiática dos imigrantes latino-americanos, como discutido por Dadalto (2011), contribui para a perpetuação de estereótipos prejudiciais. A mídia muitas vezes retrata os imigrantes com base em sua utilidade no contexto capitalista, reduzindo-os a consumidores, produtores, mercadorias ou refugos. Isso cria uma visão distorcida da realidade, marginalizando os imigrantes e contribuindo para a construção de narrativas prejudiciais.

A construção de estereótipos, conforme evidenciado por Scariot (2005), resulta em uma fragmentação da identidade cultural do imigrante. A mídia, ao criar e reforçar esses estereótipos, contribui para a marginalização de grupos específicos, como os latino-americanos. Essa manipulação da verdade pelo poder midiático reduz os imigrantes a rótulos negativos, perpetuando visões preconceituosas.

Diante desse panorama, é imperativo repensar a forma como a mídia aborda a migração e os imigrantes na América Latina. A compreensão aprofundada das causas e das complexidades das dinâmicas migratórias, aliada a uma análise crítica da representação midiática, é essencial para promover uma visão mais justa e equitativa dos imigrantes latino-americanos. A superação dos estereótipos e a promoção de narrativas mais humanas são passos cruciais para construir sociedades mais inclusivas e compreensivas na região.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?ref_=dbs_p_ebk_r00_pbc_b_rnvc00&_encoding=UTF8&asin=B07TTJR74W Acesso em: 28 maio 2023.

ARUJ, Roberto S. Causas, consecuencias, efectos e impacto de las migraciones en Latinoamérica. **Papeles de población**, [s. l.], 2008. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-74252008000100005&script=sci_arttext Acesso em: 17 abr. 2023.

CÉSAIRE, Aime. DISCURSO SOBRE O COLONIALISMO. [S. l.: s. n.], 1978.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), Panorama Social da América Latina, 2019. Resumo executivo (LC/PUB.2020/1-P), Santiago, 2020.

COGO, D. Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de mediação dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 4, n. 1/2, p. 11–32, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v4i1/2.23453. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/23453> Acesso em: 7 set. 2023.

COGO, Denise. Entre a "fuga" e a "invasão": alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista FAMECOS**, [S. l.], p. 1-1, 11 out. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/21885> Acesso em: 17 abr. 2023.

COGO, Denise. O Outro migrante: das estratégias de mediação das migrações contemporâneas na mídia impressa brasileira. **Portal de Periódicos UFF**, [s. l.], 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228466769_O_Outro_migrante_das_estrategias_de_mediacao_das_migracoes_contemporaneas_na_midia_impressa_brasileira . Acesso em: 23 out. 2023.

DADALTO, Maria Cristina. **A representação social sobre a migração na mídia brasileira** - Mapeamento e análise dos discursos comunicacionais. 2011. 90 p. Relatório Técnico Científico Geral (Estudo) - Universidade Federal do Espírito Santo, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/dadalto-maria-representacao-social-sobre-imigracao-na-midia.pdf> Acesso em: 31 ago. 2023.

FILHO, João Freire. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Revista ECO Pós UFRJ**, [S. l.], p. 45-71, 7 jun. 2009. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120 Acesso em: 20 set. 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In: A COLONIALIDADE do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. [S. l.: s. n.], 2005. p. 1-27.

Rampinelli, W. J. (2013). Um genocídio, um etnocídio e um memoricídio praticados contra os povos latino-americanos. *Lutas Sociais*, 17(30), 139–142.

SOUSA, Angélica; OLIVEIRA, Guilherme; ALVES, Laís. negrito.. **Cadernos da Fucamp**, [s. l.], 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. [S. l.]: UFMG, 2010. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/spivak-pode-o-subalterno-falar.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023.

SCARIOT, Irmã Eléia. **Estereótipos da migração produzidos pelo discurso da mídia impressa nacional**. CEUB, [s. l.], 2005. Disponível em: <https://www.argcom.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/view/280> Acesso em: 17 abr. 2023.

WILLWOCK, Gisela; ROSA, Maria; RIGO, Gabriele. **RACISMO**: Protagonista nas relações humanas desde a colonização europeia na América Latina. **Revista Pindorama: O Serviço Social em Destaque** , [S. l.], p. 82-90, 1 dez. 2020